

ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NUMERO 38

Lisboa, 16 de Julho de 1927

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EEXPANSÃO

Urotropina efervescente

Schering



DE SABOR EXCELENTE
DE INEXCEDIVEL EFICÁCIA

A Urotropina efervescente Schering é manipulada sob a base da Urotropina original Schering, que tem sido comprovada por uma experiência clínica de 30 anos como um medicamento preventivo e curativo o mais poderoso contra as doenças infecciosas, especialmente das vias urinarias, biliares e intestinais. A Urotropina efervescente Schering é uma bebida extremamente agradável e um medicamento sob todos os pontos eficaz.



Férias no mar....

No mar!... a hora do banho é a mais apreciada
 No mar!... os dias decorrem cheios de alegria !
 No mar!... as crianças brincam loucamente !
 No mar!... o sol e as vagas são acariciadores !
 No mar!... as distrações seguem-se ininterruptas !
 No mar!... todos os instantes são cheios de encantos !
 No mar!... toda a gente se sente rejuvenescer !
 No mar!... as férias acabam sempre tão rápido !

As férias acabam : ficam as vossas fotografias “Kodak”

Mais tarde, ao mostrardes aos vossos amigos, esses instantaneos “Kodak”, revereis os detalhes desses interessantes momentos como se eles estivessem decorrendo naquele mesmo instante;

Vá agora mesmo adquirir um “Kodak”.

Nos melhores casas de artigos fotográficos encontrareis sempre um completo sortido de “Kodaks”.

“Kodaks Vest-Pocket”... desde 110 \$ 00. “Pocket Kodaks”..... desde : 205 \$ 00.
 “Brownies” de Caixa.... desde 50 \$ 00. “Pocket Kodaks Especiais” desde 1850 \$ 00.

*Em poucos minutos se
 aprende a usar um “Kodak”.*

Para vos assegurar o exito :

Aparelho “Kodak”

O “Kodak” não tem senão os órgãos e acessórios indispensáveis; com ele o amador poderá obter as melhores fotografias possíveis.

Película “Kodak”

Ao adquirirdes um rolo de Película “Kodak” - em embalagem amarela, podeis estar seguro de que obtereis boas fotografias.

Papel “Vélox”

As melhores provas que podereis obter de : qualquer dos vossos negativos são as que tiverem impressas no verso a palavra “Vélox”.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecidação.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

QUEBRADURAS

ALIVIO IMEDIATO, CONTENÇÃO GARANTIDA SEM INCOMODO COM OS APARELHOS «BLETY»

Rambla de Cataluña, 65 — BARCELONA

SUCURSAL EM LISBOA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 27

(PERTO DA AVENIDA DA LIBERDADE)

Recorte-se este anúncio para não confundir a direção



PETROLEO

M. d. F.

HAHN



PARA CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformosamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira.

FRASCO GRANDE 24,000 FRASCO PEQUENO 17,000

VENDA POR GROSSO

Agentes depositários: J. DELIGANT, L.^{DA}

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

PRECIOSIDADE BIBLIOGRÁFICA

UM LIVRO DE 1570

O primeiro atlas geografico que se compilou — «THEATRUM ORBIS TERRARUM» — por Abraham Ortelis; primeira edição colorida à mão com iluminuras. O texto é em latim, explicando 93 mapas elaborados em Antuerpia, a documentar toda a sciência do tempo que a arrojada viagem de Fernão de Magalhães, já havia lançado em novas concepções de cosmographia.

Vende-se e dão-se informações nas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

SERVIÇO DE SAÚDE

CONCURSO

PARA

ENFERMEIROS DE 3.^A

Perante o Serviço de Saúde desta Companhia está aberto concurso por 30 dias, a contar da data do presente anúncio, para o preenchimento das vagas que se derem, durante um ano, no quadro de enfermeiros de 3.^a classe, com o vencimento de Escudos 165,000, casa de residência ou respectivo abono (até 50,000) e subvenção temporaria de Escudos 426,000 mensalmente.

Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos da aprovação no curso completo de enfermagem, passado por qualquer escola do país, ou estrangeira equivalente, e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações, certidão de idade em que provem ter menos de 30 anos e certificado do registo criminal.

Depois de julgados aptos pela Junta Médica, serão sujeitos a uma prova prática e teórica, na Séde do Serviço de Saúde, para a sua classificação ou mérito absoluto e relativo.

A nomeação será tornada definitiva, findos seis mezes de serviço efectivo com boas informações; passados dois anos de bom serviço começarão a vencer as respectivas diuturnidades. As promoções fazem-se por vagas imeditas ou por exame.

Todos ou outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na séde do Serviço de Saúde, em Santa Apolonia, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 1/2 às 17 1/2 horas.

Lisboa, 22 de Junho de 1927.

O Director Geral da Companhia
FERREIRA DE MESQUITA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SERVIÇO DE SAÚDE

CONCURSO

PARA

AJUDANTES DE FARMÁCIA

Tendo sido anulado o concurso de 28 de Janeiro do corrente ano, perante o Serviço de Saúde desta Companhia, está aberto, por 30 dias a contar da data do presente anúncio, o concurso documental para o preenchimento do lugar de ajudante de farmácia com o vencimento fixo de Escudos 180,000 mensaes e subvenção temporaria de Escudos 456,000 mensaes e as regalias inherentes à sua categoria como funcionário da Companhia.

Só serão admitidos ao concurso individuos do sexo masculino que deverão apresentar documentos autenticos da sua idoneidade profissional e moral e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações literárias ou científicas e dos lugares que tenham desempenhado; certidão de idade que prove não ter menos de 18 nem mais de 30 anos; certificado do registo criminal e documento comprovativo de terem satisfeito às leis do recrutamento militar. A nomeação será tornada definitiva, findos seis mezes de serviço efectivo, com boas informações. Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na séde do Serviço de Saúde, em Santa Apolonia, todos os dias úteis, das 10 às 17 horas. Os candidatos do sexo masculino, que tenham apresentado documentos para o concurso anterior e que estejam dentro das condições do actual, serão considerados concorrentes ao presente concurso, se até ao seu encerramento não retirarem os mesmos documentos.

Lisboa, 1 de Julho de 1927.

O Director Geral da Companhia
FERREIRA DE MESQUITA

CAMINHÕES GRAHAM BROTHERS

Confiança—

Em todo o mundo e em toda a hora estão os auto-caminhões, os automoveis commerciaes e os auto-omnibus Graham Brothers trabalhando.

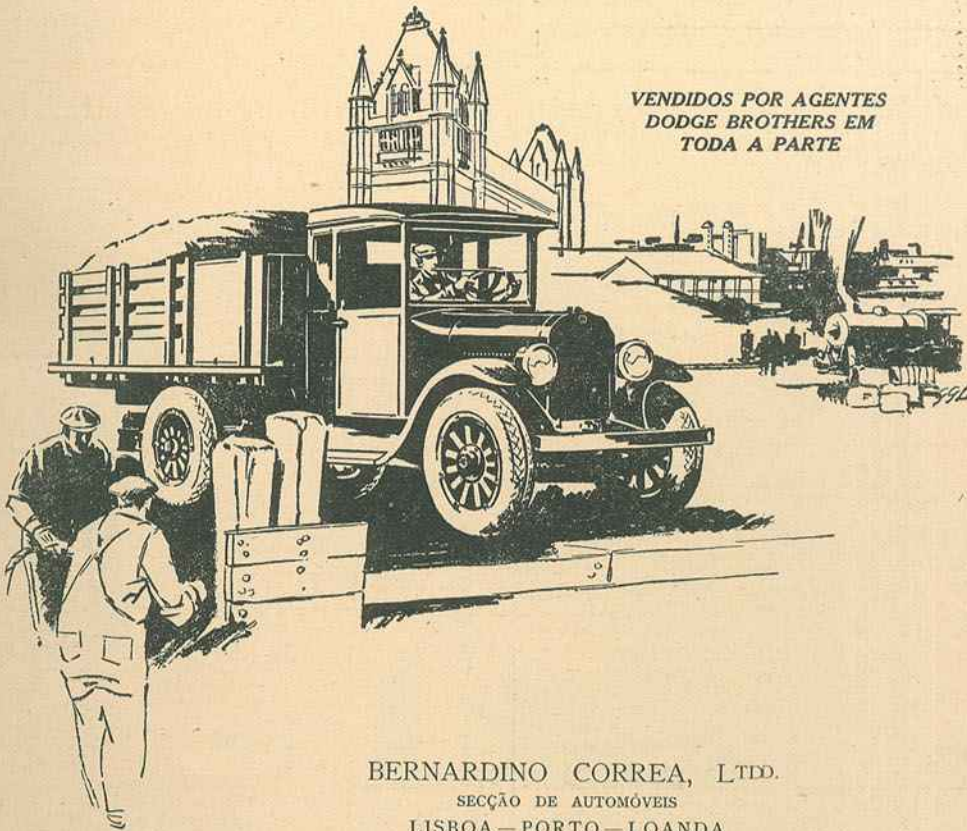
Onde quer que estejam, seja qual fôr o seu trabalho, funcionam perfeitamente e com pequeno custeio, de modo a merecer a confiança do dono.

A marca Graham Brothers sym-

boliza materiaes finos—mão d'obra perita—a mais alta percentagem de ligas de aço de primeira qualidade—peças de reparação legitimas e serviço sempre á disposição.

A marca Graham Brothers representa força abundante para o serviço mais arduo—taxas moderadas de capacidade—facilidade e economia de funcionamento—resistencia e duração.

VENDIDOS POR AGENTES
DODGE BROTHERS EM
TODA A PARTE



BERNARDINO CORREA, LTD.
SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS
LISBOA — PORTO — LOANDA



Os Soberanos do Organismo!

O estomago, o figado e o intestino dominam soberanamente no nosso organismo. Assegurem-lhes o seu funcionamento normal tomando todos os dias um pouco de ENO's "Fruit Salt", laxativo muito suave e puro, não contendo nem sal mineral purgativo, nem assucar.

O ENO preserva-nos das enxaquecas, das azias e da prisão de ventre, origem de tantas doenças. Todos podem tomar o ENO sem receio; meio seculo de sucessos são sufficiente garantia da sua eficacia.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C^o. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As polveras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", são m como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

ENO

"FRUIT SALT"

Roubado!!...
Não hesiteis na compra de uma maquina «TODD» para proteção dos vossos cheques.

J. GONÇALVES
Calçada do Carmo, 10
Rua 1.º de Dezembro, 60
LISBOA



-«De todos estes livros que teu marido tem na Biblioteca, que lêz tu de preferencia?»
-«O Magazine Bertrand!»

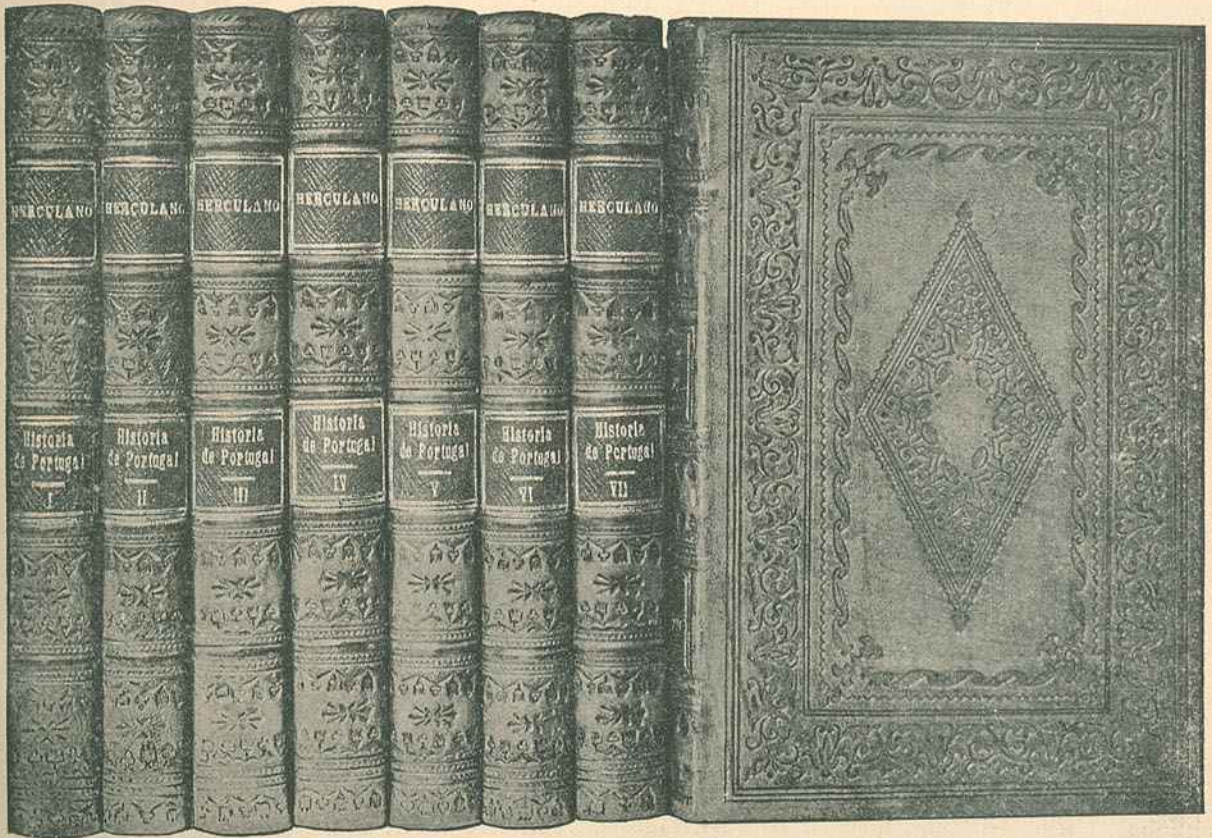
Emmeico

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

SAÍU EM JUNHO O VOLUME II

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura

Esc. 10,700

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro

Esc. 14,700

Idem, encadernado em carneira gra-

vada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado. . . . Esc. 25,700

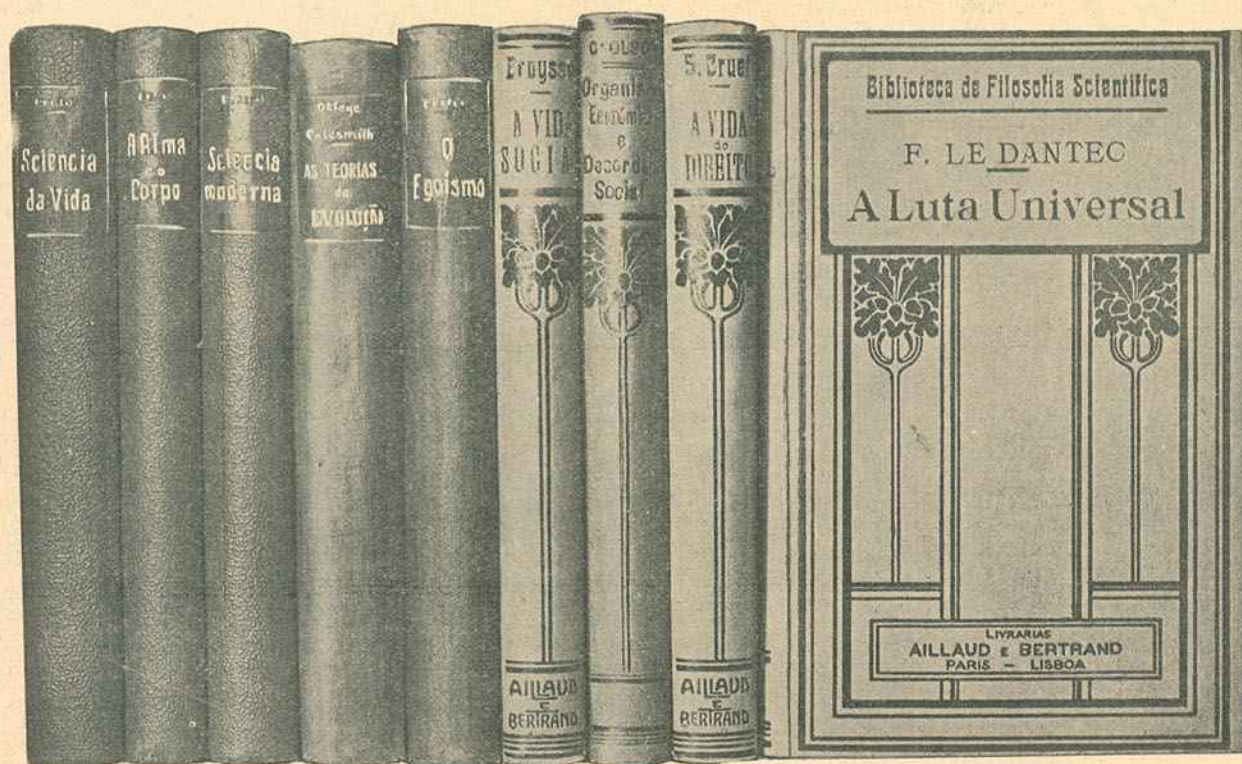
COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

BIBLIOTECA DE FILOSOFIA SCIENTÍFICA

CADA VOLUME BROCHADO:
9\$00 ESCUDOS



Alma e o Corpo, (Altos estudos), por ALFRED BINET; *O Egoismo*, por FELIX LE DANTEC; *A Luta Universal*, por FELIX LE DANTEC; *Organismo Economico e Desordem Social*, por C. COLSON; *A Sciencia Moderna*, por EMILE PICARD; *Sciencia da Vida*, por FELIX LE DANTEC; *As teorias da evolução*, por V. DELAGE e M. GOLDSMITH; *A vida do direito, e a inutilidade das leis*, por JEAN CRUST; *A vida e a morte*, por A. DASTRE; *A Vida Social*, por ERNEST VAN BRUYSEL.

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

k



BERTRAND IRMÃOS, L^{DA}
FOTOGRAVADORES
T. DA CONDESSA DO
RIO 27
LISBOA
TEL. T. 96

Auto-Gazo



a gazolina
que inspira
confiança

VACUUM OIL COMPANY

15, RUA DA HORTA SÉCA, 17-LISBOA

TELEFONE 930 TRINDADE (7 LINHAS)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição :

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25-Lisboa

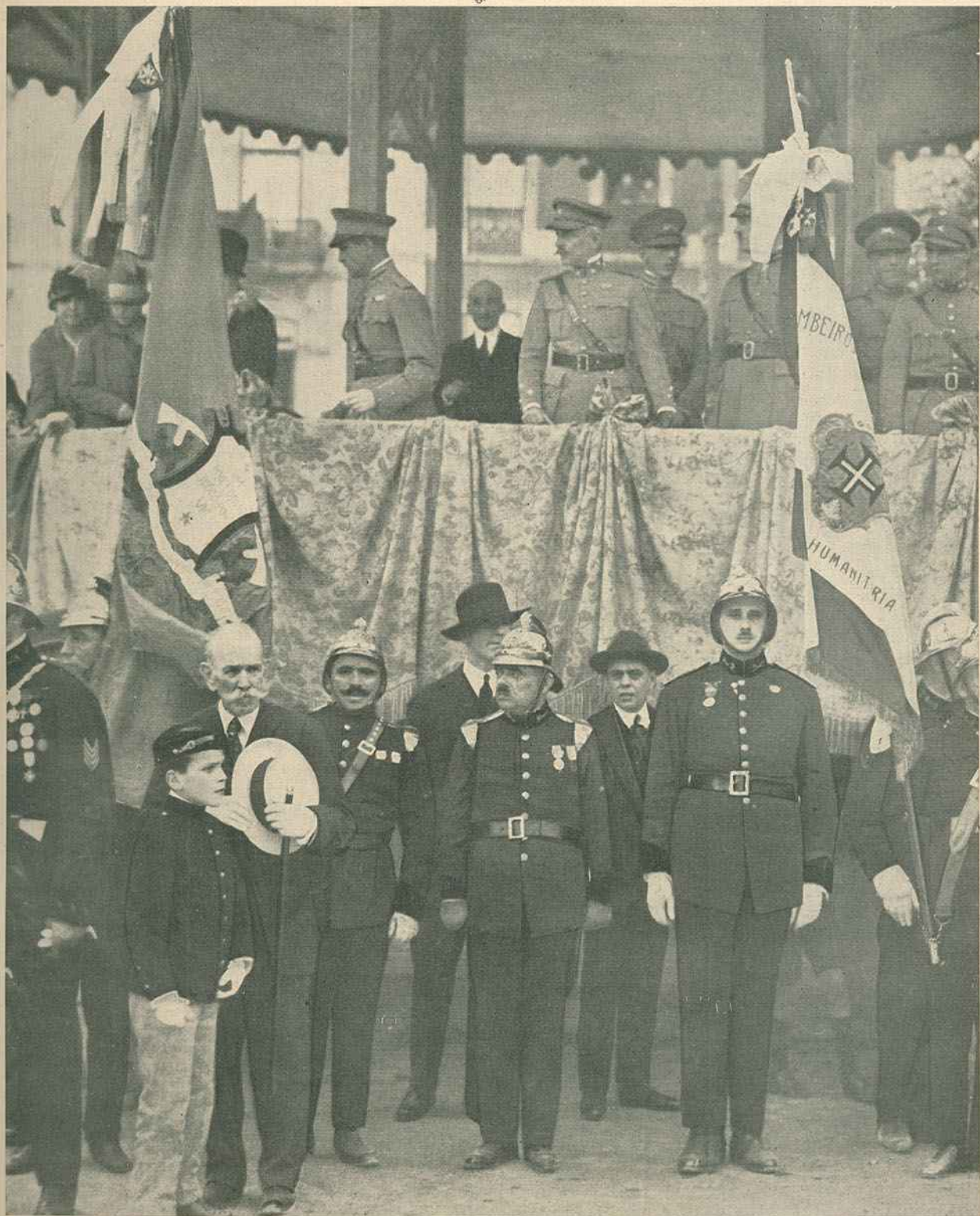
DIRECTOR :
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO :
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º—NUMERO 38

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE JULHO DE 1927



AS FESTAS DA SEMANA DOS HOSPITAIS

O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA E ALGUNS MEMBROS DO GOVÉRNO, PRESENCANDO O DESFILE DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS,
NA AVENIDA DA LIBERDADE

CRÓNICA DA QUINZENA

O dr. José Leite de Vasconcelos é o traslado do mestre universitário, do professor de ensino superior, ser social não freqüente entre nós, onde há tantos e cada vez mais que se chamam assim. Quero dizer que não faz profissão e carreira de ditar sebetas, gramofonear livros franceses, fingir que trabalha, fingir que ensina, aprovar cábulas, e caminhar assim para aquele glorioso pináculo da actividade professoral, que consiste em atingir pela «reforma» o merecido descanso dos pulmões, esfalfados durante trinta ou quarenta anos a exalarem palavriado vão.

Pelo contrário: este mestre é dos que criam ciência original e nova, e sabe transmitir o apetite e o gosto dela; dos que praticam sem sofisma o trabalho especulativo e formam verdadeiros discípulos, isto é: colaboradores ou continuadores, e não meros donatários de diplomas baratos para eles, mas caríssimos à colectividade, chamada mais tarde a pagar por boas, em ordenados burocráticos, tantas «aptidões» puramente titulares ou fiduciárias.

Há vários indícios muito claros de que o Dr. José Leite de Vasconcelos não é um professor como outro qualquer. Um deles é que a muitos parece ou deve parecer um caturra, um «mágico», um bruxo, ou um bebé de cabelos brancos. O homem que surge no meio dos campos a procurar uma pedra tosca e garatujada; que sem mais tir-te nem guar-te pergunta aos labregos que encontra como chamam à barba que usam; que ao entrar de visita em casa alheia convida a criada a dizer-lhe uma cantiga da sua terra, ou se mete no combóio e viaja um dia todo para ouvir os póveiros berrarem *Oh Manêl! oh Antôino!* — um homem assim raro é difícil de tomar a sério onde quer que haja muita gente habituada a brincar aos sábios. Mas um homem assim é que podia, como este pôde, ter criado ou ajudado a criar a etnografia, a filologia, a arqueologia e a pre-história portuguesas, e isto não só pelo trabalho de uma vida inteira em que sempre sobrepôs a Ciência ao interesse, ao conforto ou ao pavor do ridículo, mas pela irradiação do seu próprio exemplo, que em muitas terriolas de Portugal suscitou investigadores e coleccionadores voluntários de cousas ou factos, abriu olhos alheios para a curiosi-

dade e o apreço de realidades que ninguém via e deste modo tinha criado já à sua volta uma coorte de discípulos, quando, aos 54 anos de idade, foi chamado a dar oficialmente a sua primeira lição de «professor de ensino superior».

No mundo às avessas, no mundo dos doutores ajanotados e bem falantes, no mundo das panelinhas catedráticas, as coisas passam-se de outra maneira. Ai dá-se dada a cátedra ao menino-bonito de mestres fingidos e pintados, e assim se forma o colégio dos bonzos de uma pseudo-ciência, tão fingida e pintada como eles; ou então, entre duas sarrafuscas cívicas, saem do meio de uma grande labareda de incêndios revolucionários, ou de uma fumarada ainda maior de tiros de dez tostões e de bombas de pataco, Faculdades inteiras com muitos especialistas que na véspera só eram conhecidos nas mesas de alguns cafés, ou nos patamares de algumas redacções políticas.

*

* * *

Vem isto a propósito do livro *De terra em terra*, que acaba de ser editado e publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa, como primeiro volume de uma colecção de estudos subordinada ao título geral de *História, Ciência e Arte*. Iniciativa esta que é preciso aplaudir e agradecer à direcção daquele estabelecimento do Estado, e torna o nome do administrador-geral sr. Dercuet digno de unir-se ao do dr. Joaquim de Carvalho, a quem a erudição nacional, no largo domínio da literatura, da história, da arqueologia artística, etc., deve serviços relevantes, pelo estuendo trabalho de publicação ou reedição que tem realizado em poucos anos, sob a sua superintendência benemérita, a Imprensa da Universidade de Coimbra.

Este livro *De terra em terra*, onde o dr. Leite de Vasconcelos noticia com minudência as muitas excursões que fez como arqueólogo, etnógrafo e filólogo pelo norte e o centro do nosso país, está cheio de ensinamentos curiosíssimos, onde encontrarão proveito os estudiosos especializados, e ameno prazer instrutivo os leitores quaisquer, desejosos apenas de ter algumas luzes das tradições, costumes ou nomes das

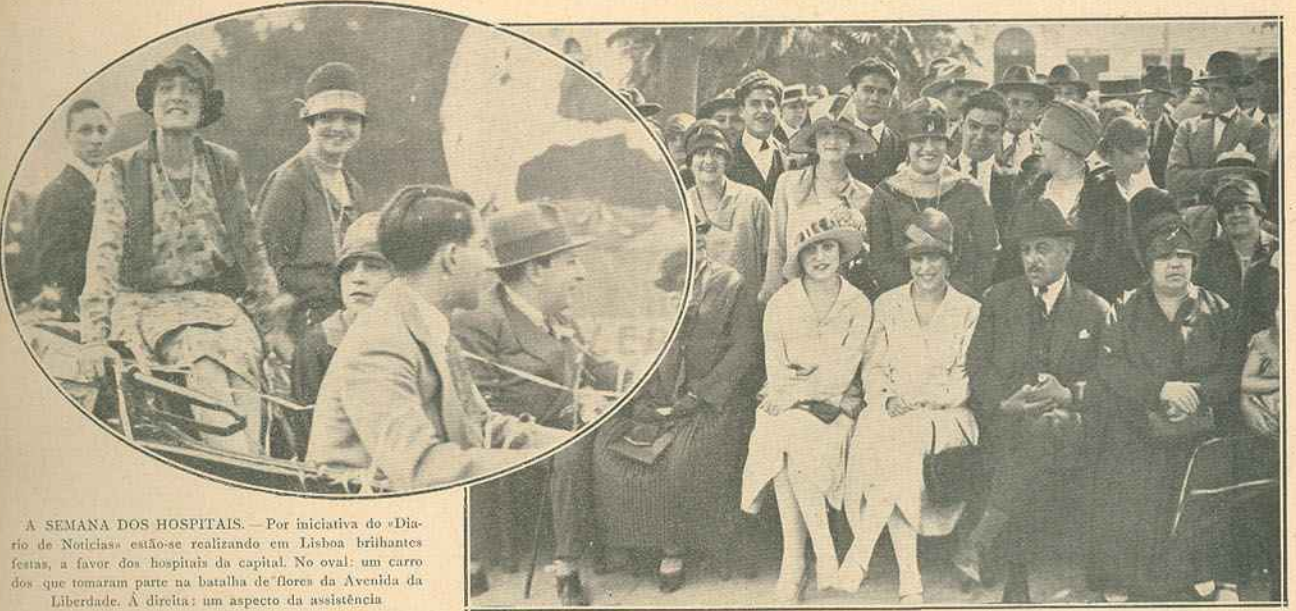
terras portuguesas que habitam e ali são consideradas. Mas é nas suas entrelinhas, ou no tom geral daquelas páginas, que maior encanto encontrará, quando o leia, o moralista, o reformador social, o pedagogo autêntico, o homem político digno deste nome. Esse verá exalar-se, da aparência pueril e ingénua dos interesses intellectuais ali tratados, a pura essência de seriedade profunda, característica de todo o trabalho, e muito mais do trabalho científico. Porque (tal é a natureza ainda tão misteriosa do riso humano) a atitude do obreiro amoroso da sua profissão faz rir aqueles que praticam outra, ou nenhuma. O banqueiro troça naturalmente do naturalista entretido a caçar bo-boletas; assim mesmo como aquela salaia se ria de um nosso grande paisagista e perguntava às comadres: «¿Não terá mais nada que fazer, aquele marmanhão?»

¿E como são simbólicos os períodos em que o Autor nos descreve a atitude do povo para com elle, em certa aldeola da Beira Alta, onde procurava inscrições ou monumentos antigos!: «Quando eu passava, ouvia constantemente cochichar a meu respeito... Todas as pessoas imaginavam que eu ia pôr a descoberto e arrecadar dinheiro enterrado e encantado, e apontavam-me a dedo como desencantador... Na ocasião da exploração da orca, acudiam homens e mulheres, para também lirem dinheiro. A minha bolsa de viagem, que eu levava ao tiracolo, era o *saco em que guardava dinheiro*. Uma vez encontrei num penedo um letreiro romano; e enquanto o copiava, as mulheres diziam que *estava ali uma mina de ouro*.»

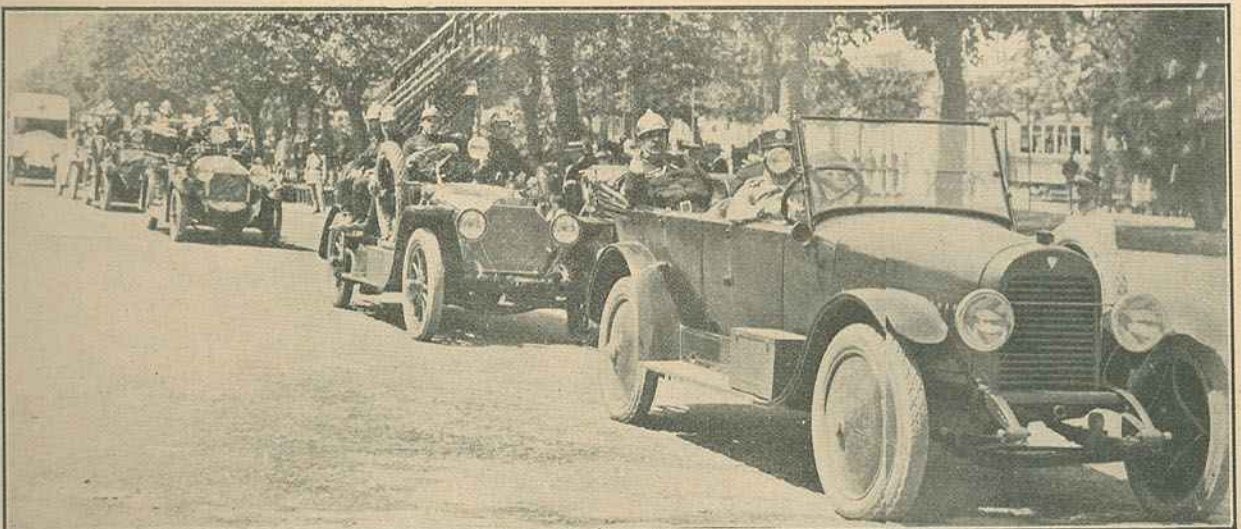
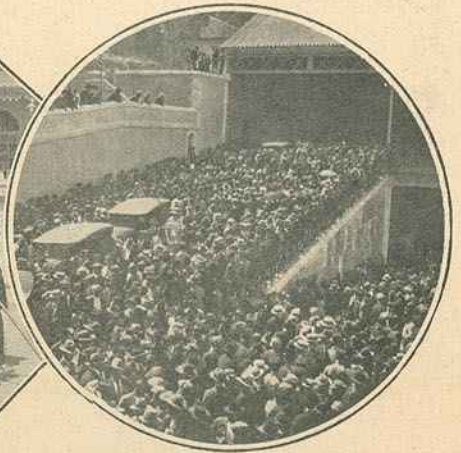
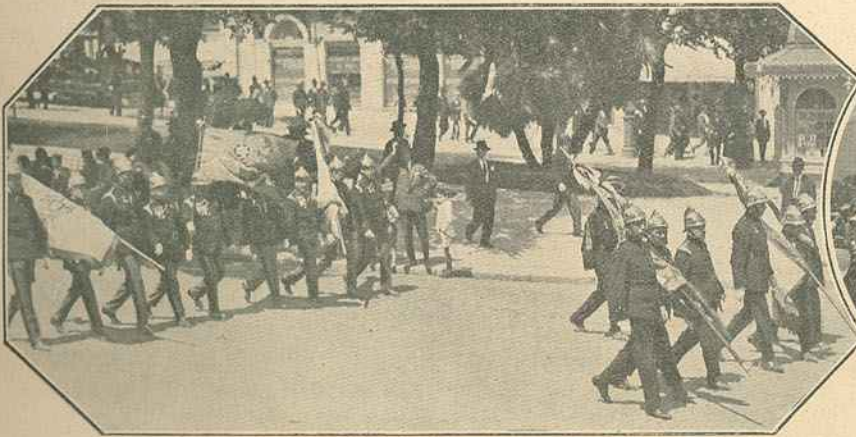
Coitadas! A *mina de ouro* é preciso que os filhos a vão procurar muito longe, aos Brasis, onde os querem insultar, chamando-lhes *galegos*, e donde quasi todos voltam tão pobres como partiram. O que lhes falta, a esses miseráveis que sustentam, cavando e emigrando, a caterva dos falsos letrados e dos falsos doutores, é a actividade de muitos bruxos ou sábios verdadeiros, que desencantem, pela applicação da verdadeira ciência, o ouro escondido na terra órfã de trabalho instruído e competente.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

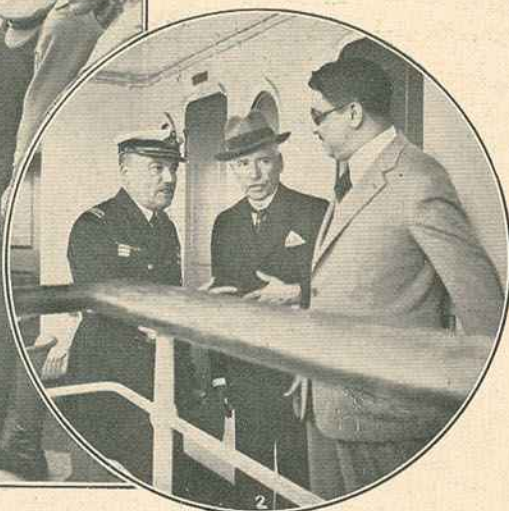
ACTUALIDADES



A SEMANA DOS HOSPITAIS. — Por iniciativa do «Diário de Notícias» estão-se realizando em Lisboa brilhantes festas, a favor dos hospitais da capital. No oval: um carro dos que tomaram parte na batalha de flores da Avenida da Liberdade. À direita: um aspecto da assistência.



Em cima, à esquerda: Desfile dos Bombeiros Voluntários, cujas corporações foram condecoradas. No medalhão: A multidão aguardando a chegada da Banda Municipal de Madrid, que veio abrilhantar as festas da Semana dos Hospitais. Em baixo: Desfile das viaturas dos Bombeiros Voluntários de Lisboa



1 — A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa comemorou o primeiro aniversário da sua posse com uma visita a todos os trabalhos que realizou e que está realizando e ainda com o lançamento da primeira pedra do futuro bairro popular, cerimónia que a nossa gravura representa

2 — A bordo do paquete Niassa: os srs. Cunha Leal e Ernesto de Vasconcelos, respectivamente governador do Banco de Angola e Secretário Geral da Sociedade de Geografia, que recentemente partiram para Loanda, onde o sr. Ernesto de Vasconcelos tomará parte na Conferência Luso-Belga.



3 — A distinta professora de piano D. Maria Alice da Luz Marques, com as suas alunas, que apresentou em audição pública, no dia 27 do mês findo, no salão nobre da Liga Naval



4 — O pianista Jaime Silva Júnior, discípulo de Rey Colaço, que há pouco tempo tomou parte no concurso internacional de pianistas, de Genebra e que concluiu, há dias, o curso superior de piano com distinção, no Conservatório Nacional de Música

5 — Promovido pelo Club Naval de Lisboa realizou-se, no dia 10 do corrente, um passeio fluvial, à vela da Azambuja, que foi muito concorrido e animado como todas as festas promovidas por aquela antiga e próspera agremiação desportiva

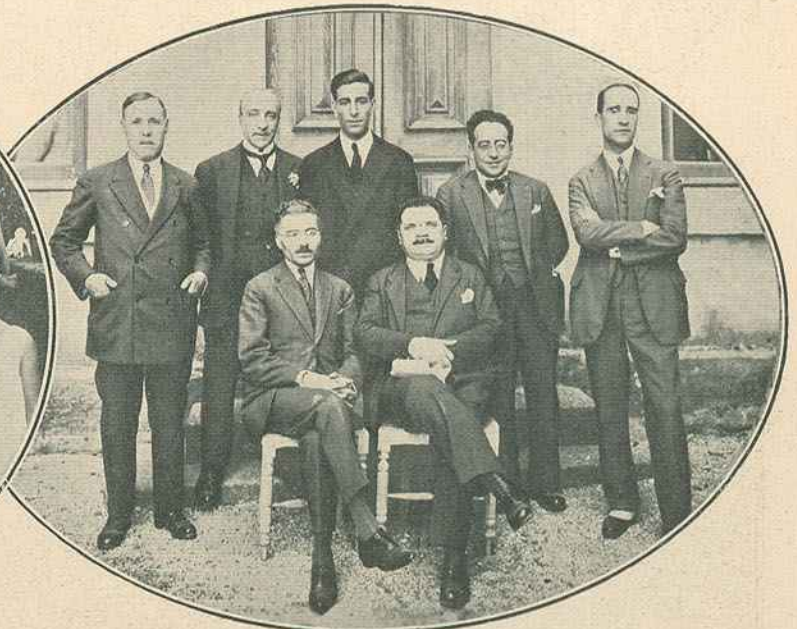
ACTUALIDADES



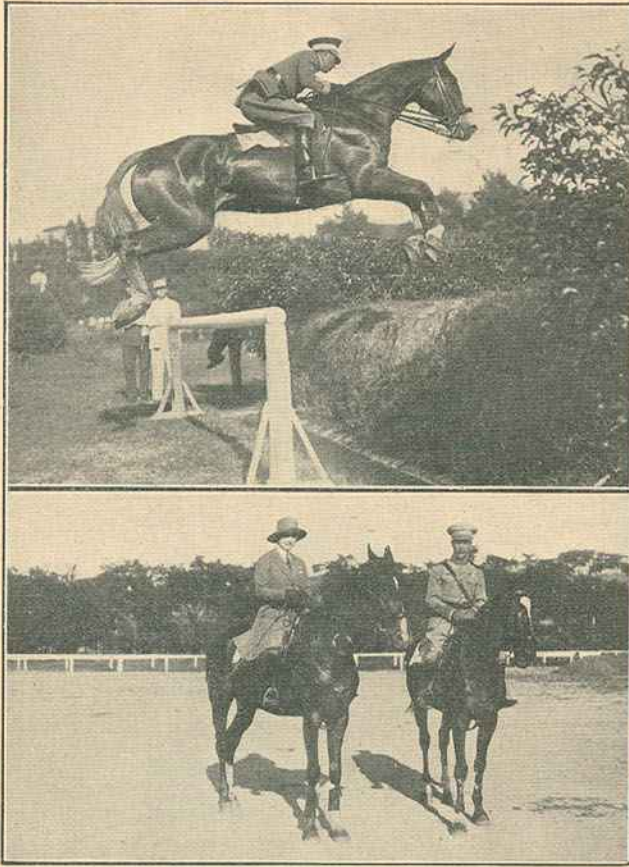
Na sumptuosa sala árabe do Palácio da Bolsa, do Porto, realizou-se um brilhante saraú, seguido de baile, em honra dos congressistas que tomaram parte no último Congresso Nacional de Medicina, reunido no mês findo na capital do norte e que constituiu um importantíssimo acontecimento científico



Realizou-se, há dias, no Porto o casamento da sr.^a D. Alice Thuman com o sr. Willy Stubb, da primeira sociedade portuense

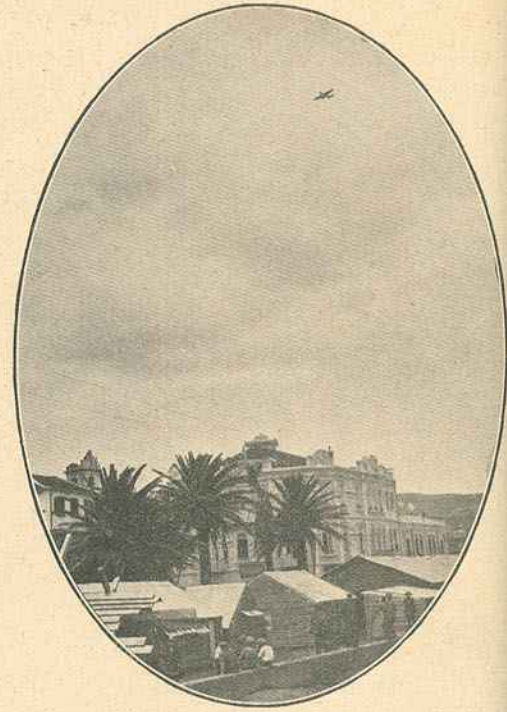


A Comissão Executiva do Congresso Nacional de Medicina, ultimamente realizado no Porto, constituída por ilustres homens de ciência

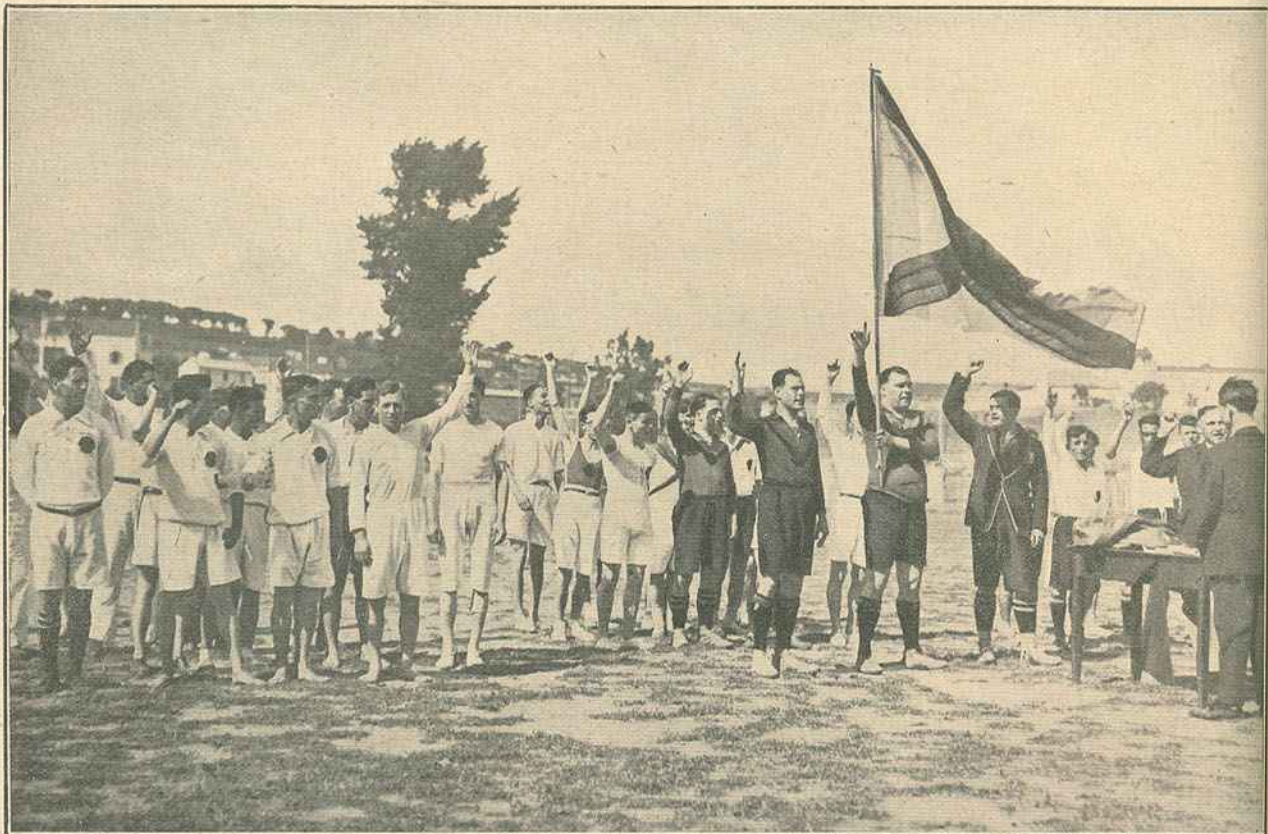


Dois aspectos do Concurso Hipico Internacional de Madrid: Em cima: Um belo salto, pelo tenente Moraes Sarmiento, distinto cavaleiro, cinco vezes classificado em torneios internacionais. Em baixo: A distinta amazona D. Maria Amália Pinto Bastos e o tenente sr. Ivens Ferraz, vencedores numa das provas de sparelhas

ACTUALIDADES DESPORTIVAS



O avião «Santa Maria II», tripulado pelo Marquês de Pinedo, no seu regresso da América do Norte, voando sobre a cidade da Horta. No primeiro plano, em baixo, vêem-se algumas das habitações provisórias construídas após o terramoto de Agosto do ano passado.



O Shell Sports Club, constituído exclusivamente por empregados da «Shell», ao iniciar a brilhante festa desportiva, que levou a efeito, no dia 2 do corrente, no Campo de Palhavã

SOCIEDADE ELEGANTE



Na igreja dos Jerónimos realizou-se, há dias, o casamento da sr.^a D. Celeste Rosa de Oliveira com o sr. Ramiro Monteiro



Com numerosa e selecta assistência, realizou-se na paróquia do Coração de Jesus o casamento da sr.^a D. Ambrosina Figueiredo de Miranda Pombo com o sr. Fernando Ilgino Pereira Caldas da Ponte e Sousa (Silves)



Assistência ao chá dançante realizado em 3 do corrente, na residência da sr.^a D. Carmen Morimont Machado e do distinto cirurgião dentista, sr. dr. Mário Machado

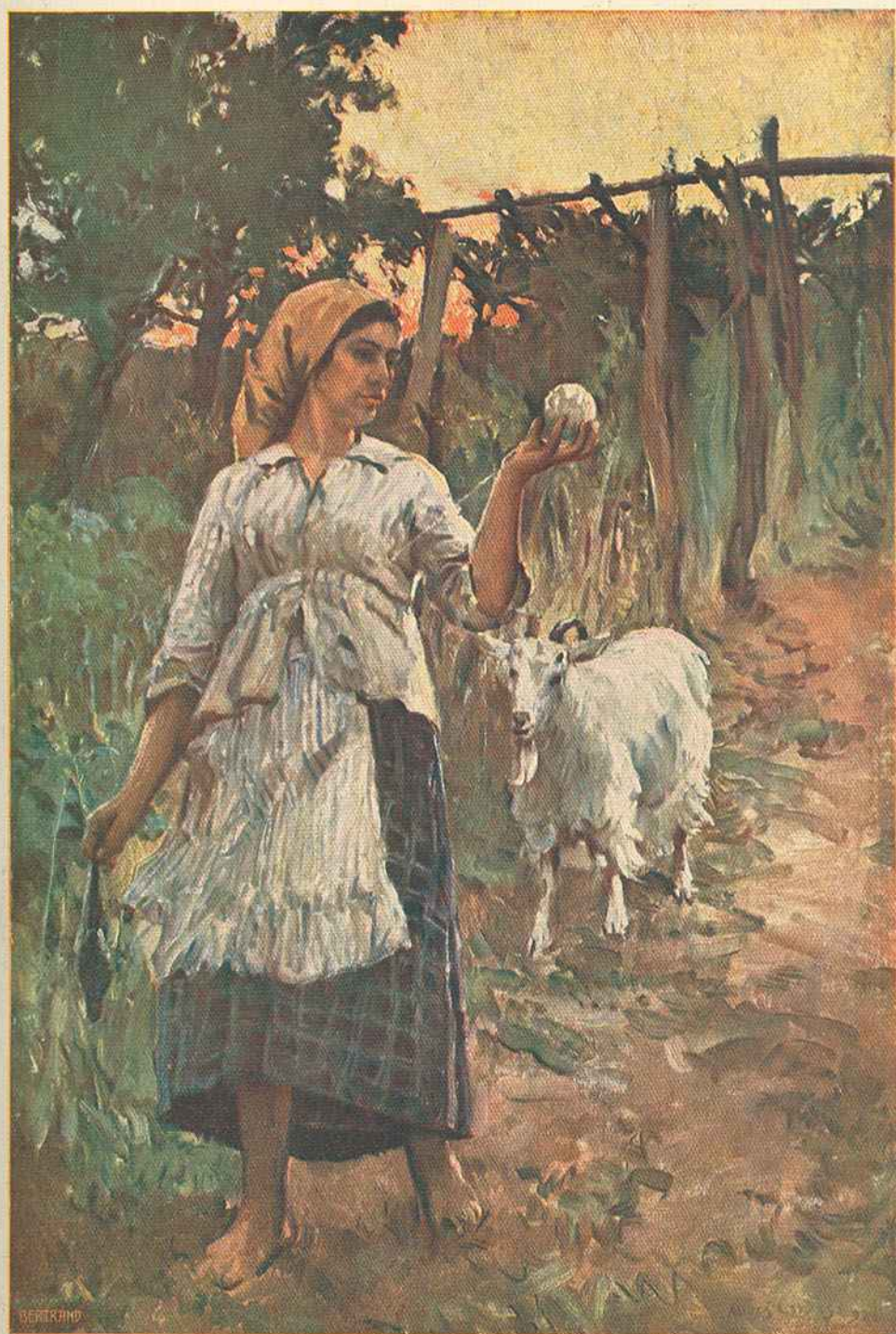
SOCIEDADE ELEGANTE



Promovida por uma comissão de senhoras da primeira sociedade de Lisboa, realizou-se com fins beneficentes, na noite de 9 do corrente uma «verbenha» e uma diversão tauromáquica nos jardins e «tentaderos» do histórico palácio Fronteira, em S. Domingos de Bomfica.

As nossas gravuras representam: Na oval: algumas das senhoras que constituíram a Comissão promotora da interessante festa. Ao centro: um elegantíssimo grupo de distintas senhoras, que animaram a «verbenha» com a graça dos seus dotes e a elegância e riqueza dos seus trajos. Em baixo: um aspecto do café cantante





ALVES CARDOSO — Aproveitando o tempo
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



Desportos

LAWN-TENNIS

OS CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DE FRANÇA

Esta prova de Lawn-Tennis é juntamente com a dos Campeonatos de Wimbledon a mais importante que se realiza na Europa.

Os campeonatos dêste ano, reuniram porém um tal número de jogadores da Europa e da América que podem, sem exagero, ser classificados como os campeonatos do mundo.

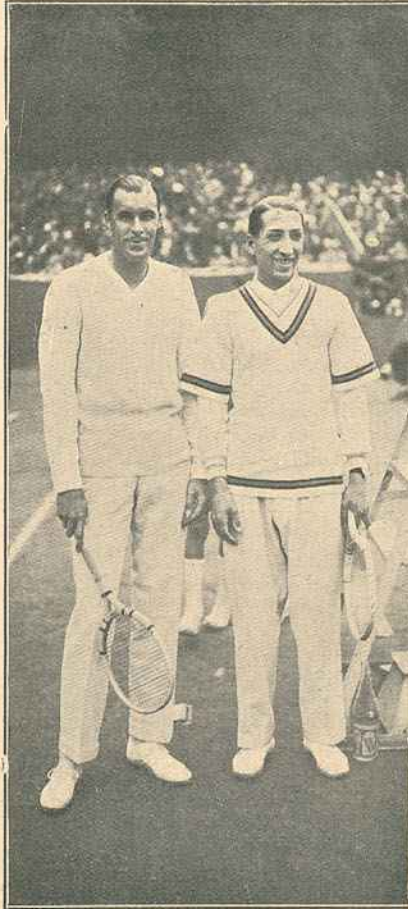
Tilden, o espantoso jogador americano, veio à Europa para se desforrar da derrota que Lacoste e Cochet lhe tinham infligido, o ano passado, na América. Não conseguiu porém totalmente o seu intento pois que, se bateu Lacoste no «match» França-América, se derrotou Cochet na meia-final dos Campeonatos de França, não conseguiu triunfar de Lacoste na final dêste Campeonato.

Este seu insucesso, chamemos-lhe assim, não vem, quanto a nós, diminuir em nada o valor enormissimo daquele que foi durante longos anos considerado, como o Deus do Lawn-Tennis.

Tilden continua a ser hoje ainda o melhor de todos, possuindo como ninguém a virtuosidade e a variedade de todos os «strokes», dominando quando quer a maioria dos adversários, com extrema facilidade.

Pode ser batido um dia, como agora lhe aconteceu, mas nenhum outro jogador o pode ainda igualar.

Lacoste, o seu feliz adversário e vencedor de agora, é sem dúvida um grande campeão, possuindo uma enorme regularidade e extraordinária resistência física.



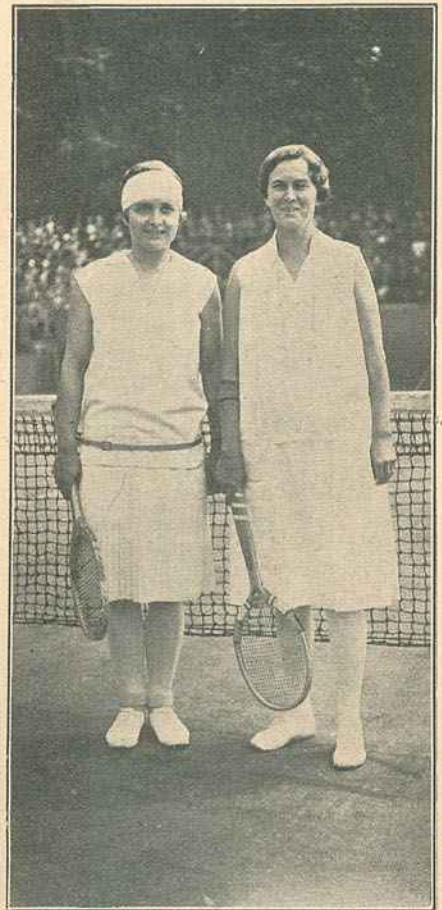
Tilden e Lacoste, os dois finalistas dêste campeonato

Foi graças a estas duas qualidades que Lacoste conseguiu vencer o maior de todos os campeões, aquele que todos reconheciam como sendo o mestre.

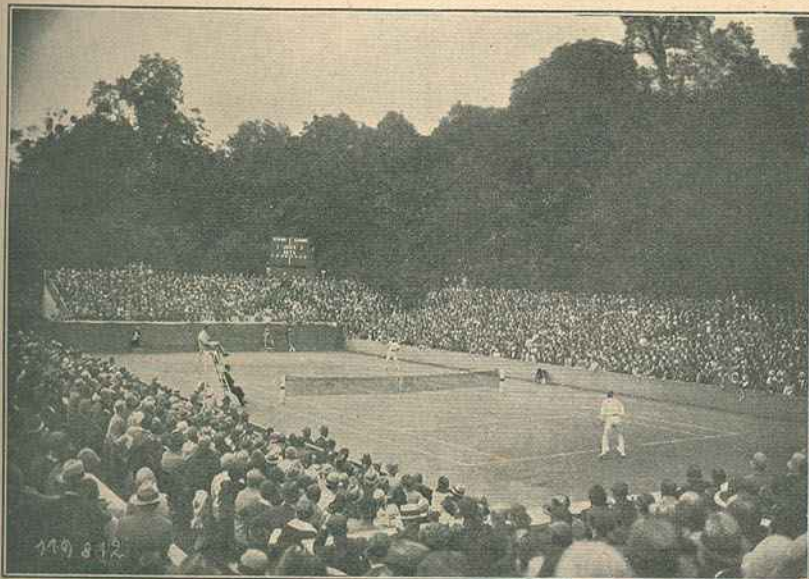
A tenacidade de Lacoste triunfou do gênio de Tilden e segundo a crítica o factor sorte teve grande influência neste resultado, pois que, Tilden, na quinta partida teve 9-8 a seu favor e 40-15.

Nesta altura Tilden serviu, tendo o juiz de linha dado como fora, uma bola que Lacoste julgou boa e que teria dado a vitória ao «Big Bill», pois que o seu adversário não conseguiu devolvê-la.

Tilden perante esta decisão enervou-se, dando lugar a que Lacoste, num arranco de grande energia, obtivesse o cubiçado ti-



Mademoiselle Boumain, à esquerda, e Miss Peacock, finalistas da prova de senhoras



Um aspecto da assistência durante o «match» Tilden-Lacoste

tulo de campeão e a glória de vencer o grande mestre do Tennis.

Em «doubles» pertenceu a vitória ao par francês Brugnon-Cochet que ganhou bem, mostrando-se superior a todos os outros pares.

CAPRICHOS FEMININOS



A moda, sempre versátil, sempre inconstante, acarinha hoje com mil disvelos o que ontem desdenhava e amanhã desprezará. E assim, nesse rodopiar sem tréguas de caprichos súbitos e efêmeros, a mulher, a sua escrava submissa, ainda mal tem tempo para olhar com simpatia, uma



ideia, uma novidade, lançada pela grande insatisfeita, disposta a familiarizar-se com essa última fantasia do seu irrequieto espírito, já uma outra preferência surge, um outro capricho é proclamado como sucessor imediato do capricho morto ou de-

Foi o que sucedeu com as pérolas, é o que sucede com todos os adornos que este ano diferem completamente dos que no ano passado marcaram na *toilette* feminina a nota *chic*.

As *cascaes* de pérolas a brincarem, irrequietas, vaidosas da sua pretensa opulência, sobre o colo setíneo das mulheres, caíndo-lhes em fieiras profusas pela frente dos vestidos, viveram o seu tempo. Hoje, nenhuma senhora verdadeiramente elegante consentiria em ostentar as malogradas pérolas imitação, que rolaram num desprêso ingrato, dos seus colos aristocráticos para o peito humilde das operárias laboriosas.

Em compensação, e como que a atestar que não foi por um rebate de escrúpulo acordado ante o plágio afrontoso e impudico das belas pedrarias verdadeiras, que as pérolas de fantasia caíram do seu prestigioso fasto de ouropel, surgem-nos as jóias, as mil e uma fantasias de *brilhan-*

tes... Brilhantes!... Há! não foi preciso correr perigos e canceiras sem conto para extrair das entranhas da terra, lá, em regiões inóspitas, os brilhantes que agora fulguram sobre os ombros, os braços, as orelhas e as *toilettes* das mulheres elegantes. A indústria, solícita auxiliar dos caprichos da moda e da *coquetterie* feminina, encarregou-se de inundar o mercado com os milhões de lascas de vidro hábilmente trabalhadas em facêtas faiscantes e multicores, que a perícia dos joalheiros aproveita para a composição de jóias e enfeites de rica e sedutora apresentação artística, que às pedrarias verdadeiras apenas invejam... o seu valor intrínseco. E agora é ver, como as atenções, chamadas pelo novo capricho da moda, se voltam para as jóias de diamantes de fantasia, que a arte moderna trabalha com subtil graça e delicadeza. A flor de *brilhantes*, que, em substituição da flor de fantasia pretendendo imitar as suas irmãs de pétalas frescas e perfumadas, criadas pela Natureza, se coloca sobre o ombro, no fecho dum cinto, no apanhado duma *draperie*, etc., é a última palavra da elegância.

Outra novidade: reparemos no esperto *caniche* que a mão luvida duma elegante segura amorosamente de encontro ao peito... Julgaremos que é um dêsses minú-



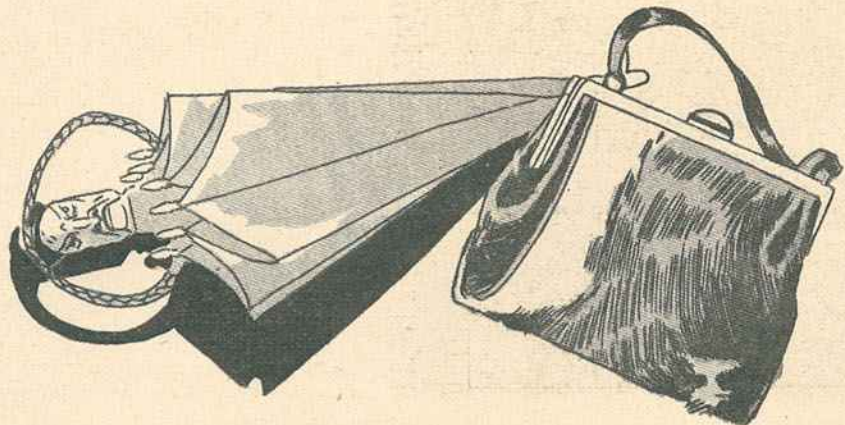
culos cãesinhos de luxo, friorentos e irrequietos, prontos a saltarem das mãos da sua dona para virem latir impertinentemente às nossas pernas... Pois não se trata de tão importante entidade. O *caniche* em questão, não passa duma inofensiva mala de mão feita de pele e representando um esperto *lulu* que guarda no interior, em vez das vísceras, o lenço, o espelinho, a caixa de pó de arroz, todo esse arsenal de *coquetterie* que a mulher mo-



derna não dispensa e transporta para onde o Destino e as exigências mundanas a arrastam.

E as sombrinhas! Quantas e inesperadas fantasias nos chamam de todos os lados! Pequenas, de cabo curto e voltadas em largo gancho, recamadas de rendas pinturas, *ruches*, fitas, etc., as sombrinhas modernas são verdadeiros objectos de arte onde se afirma toda a riqueza criadora da imaginação e do labor humano. Mas sempre procurando tornar as sombrinhas originais, a moda aconselha a harmonisá-las tanto quanto possível, com o chapéu, as luvas e o saco de mão.

E já que falamos em luvas, notemos que o grande *chic*, neste momento, são as que apresentam os punhos bastante compridos ficando enrugadas no braço e sobre a manga justa do vestido, abotoando numa pequena abertura por onde se faz passar a mão, quando se descalça a luva, à hora do chá, deixando-a negligentemente pendida como se vê na gravura.



D. LIONOR, PRINCESA DE PORTU- GAL



Busto de bronze da Imperatriz Lionor, Infanta de Portugal

E IMPERA- TRIZ DE ALEMA- NHA

Ajustado que foi o casamento da infanta D. Lionor, filha de el-rei D. Duarte, com Frederico III, imperador da Alemanha, despachou este a Portugal Jacobus Motzus, bacharel em cânones, e Nicolau Lankmann de Walkestein, seu capelão, com credenciais para poderem celebrar o matrimónio e conduzir a noiva aos seus estados. Aos dois embaixadores apareceu a

terra portuguesa como uma espécie de paraíso terreal, pois «amaturecia duas vezes o trigo nos campos de Coimbra e aqui e ali medrava a cana do açúcar(!)». Lisboa — edificada por Ulisses em homenagem a sua mulher Bana, daí o chamar-se Ulixiana — assombrou-os pela grandeza, a magnificência dos seus habitantes e o tráfico do seu porto. Um mês duraram as festas que precederam a partida da infanta, festas que deixaram a perder de vista tudo o que, no género, rezavam os livros de cavalaria. No dia em que se realizou a cerimónia do casamento, mediante procuração está bem de ver, a infanta foi levada da alcáçova para o palácio de A-par-S. Martinho em cortejo que teve sete passos ou descansos. Em cada um havia seu estrado, donde ela pôde assistir às musicatas e bailados que ranchos de cristãos, de moiriscos, de etíopes e naturais das Canárias (*hominis silvestres*) vinham fazer em sua honra; onde recebeu preito dos burgueses da cidade; onde, por anjos que desciam das janelas mediante cordas invisíveis, foi coroada com diadema de ouro e aspergida de pétalas: *accipe flores et rosas ut tu et semen tuum floreatis in terra*.

Foram servidos opíparos banquetes, lidaram-se touros, correram-se canas e alcanzias e D. Afonso V, com doze pares, saiu a justar com o almirante do mar e seus cavaleiros, e foi maravilha de ver, que todos montavam *eques velocissimos et saltantes ut caprea himolorum, nomine*

genellen. Para conduzir sua irmã, mandou el-rei de Portugal aparelhar uma galharda e poderosa armada, composta de duas carracas, três naus grandes, duas pequenas, e duas caravelas, em que embarcou quinhentos homens de soldo, sob o comando do marquês de Valença. Na nau capitania tomou lugar a infanta, com as damas de honor, embaixada, o bispo de

Coimbra, um físico, um astrónomo, um doutor catedrático, fidalgos e — para ser completa a resenha — uma Maria Pasana, donzela *quasi virago, fortis, laboriosa et sollicita*. Pelos vistos, esta Pasana era uma espécie de mame-luco, encarregada de velar pela princesa, que devia correr o seu risco no meio de tão atrevidos gerifaltes. Tôda a comitiva estadeava grande fausto, que aos cava-

leiros distribuira o marquês de Valença colares de ouro e esmalte com um ouriço cacheiro no remate, gibões de brocado e roupa de pano fino, e aos escudeiros gibões de veludo e saios franceses.

Fez-se a frota ao mar a 12 de Novembro de 1452 com vento de monção. E o bom Lankmann, que de tudo lavrou acta em latim macarrónico, exclama:

— *Ó Portugalia, Portugalia, bona regio; ibi est abundantia panis, vini, et olei boni, et multi fructi arborum, laranges, citram, malagranata, ficus, Pomerente, Lemoni, pecora campi, carnes et pisces, mel Zuckarum, in pluribus locis in canis crescit! Ó Sintria, amenissimus locus et hortus regius, cum parvo fluvio, cum bonis trullis!*

Velegaram sôbre Gibraltar e, daí, a Ceuta, onde arribaram, sendo a imperatriz hóspede do governador durante três dias. Lankmann disse miíssa na igreja extra-muros, não se esquecendo de falar no «admirável palácio que Anibal aí mandou construir».

No golfo de Lião foram surpreendidos pelos piratas, quando navegavam dispersos, em pleno nevoeiro. Mfas, ao som de buzinas e ao troar das bombardas, breve se reuniram e, investindo com os argelinos, lhes queimaram as naus, e só os não aporisionaram devido a terem saltado paara as galés ligeiras que traziam e fuggirem a todo o pano. Obrigados peelos ventos furiosos que sopravam e pelo mar bravo a lançar ferro



O Imperador Frederico III

dante de Marselha, viram as suas naves «saltar nas âncoras como cães nas correntes». Em Nice, quando procuravam refrescos, deu sobre eles o gentio, suspeito de tão temerosa armada. Mas vindo à fala, como súbditos de reis cristãos vivendo em boa paz e amizade, se trocaram cortezias e o mais do que haviam mester.

A 1 de Fevereiro, finalmente, aportaram a Pisa, onde não tardou em acorrer uma vistosa embaixada, formada pelo que havia de mais fidalgo, entre gentis-homens e damas da côrte, dos estados vassallos e amigos da Alemanha. E dali, em grande pompa, se foram a Siena, onde os aguardava o imperador.

Nem Frederico III, nem a gente, nem a terra agradaram aos portugueses. Lopo da Silveira, que em carta deu a D. Afonso V relação do que viu, acha o imperador unhas de fome e sono, e a nação facilmente conquistável, mal adestrada na peleja, e tudo resume, ufanamente, nesta frase:

«O melhor rei do mundo, a melhor terra do mundo, os melhores homens do mundo, são os de Portugal.»

Em apoio, cita que o imperador lhes não mandou dar uma sêde de água, e o viu a regatear com um dos feitores de Cosme de Médicis um pano de damasquino, na esperança de que viessem a oferecer-lho, como sucedeu. Em tôda a parte, até em Roma, o seu mantão causou pasmo.

E, quanto a os alemães, acha-os abrutalhados no comer e na etiqueta da mesa, *quorum Deus venter est*.

De Siena, onde «um valente orador» lhes desejou as boas-vindas partiram para a Roma receber a bênção papal, «o imperador, trigosamente, adiante». Estava celebrado o matrimónio, segundo os ritos divinos e humanos, mas, nem assim, Frederico III se ajuntou com a infanta de Portugal. Lopo da Silveira nota o facto com certa insistência e franqueza, dando como mal empregada D. Lionor que brilhava entre as mais damas por segurança e formosura e que era um encanto ver em cota de carmezim, opa de brocado branco, e rica crespina na cabeça. Em Nápoles, de que era rei juntamente com Aragão D. Afonso V, tio materno da princesa, se fizeram esplêndidas e solenes bodas. Os portugueses dan-

çaram bailados moiriscos e a chacota, marcada pela própria D. Lionor, com grade aprazimento de todos. E numa dessas noites se consumou, à moda alemã, depois de imprevistas peripécias, a cerimónia do himeneu. Áulicos e açafatas levaram imperador e imperatriz ao tálamo rial e, vestidos, os lançaram debaixo das roupas.

E, êles, beijando-se, se apartaram cada um para sua alcôva. A mando do imperador, volveram dois condes a buscar Lionor.

— Que não ia — respondeu ela.

Seis mensagens lhe enviou sucessivamente o esposo, até que desenganado, se decidiu ir em pessoa ter com ela. Tinha terminado a missão de Maria Pasana, aquele querubim sem asas.

Dêste consórcio nasceu Maximiliano, o último rei cavaleiro, cujos tesouros a república de Áustria expõe presentemente nas Tulherias.

Interessante a figura dêste homem e dêste César! Alto, robusto, admiravelmente proporcionado, devia seu extranho vigor físico à avó Cimburga, que era polaca, enquanto a vivacidade e o espírito romântico lhe vinham em linha recta da mãe, D. Lionor. Tinha coragem para fazer empalidecer de pavor aos cortezãos. Em Munick entrou na jaula dum leão e arrancou-lhe a língua; em Ulm deu-se ao desenfado de trepar à flexa da catedral

e, em todo o cimo, na haste delgada fazer sortes de funâmbulo; desafiado a combate por Claude de Barre, campeão de França do torneio, suspendeu as armas de Áustria e de Borgonha ao lado do escudo do francês e venceu-o à espada e à lança.

Foi grande galanteador e muito beijuquisto das damas. Maria de Borgonha, filha de Carlos o Temerário, apaixonara-se por êle, a pontos de dizer: *Maximiliano ou nenhum outro*. Augsburgo e Nuremberg passaram por seus harens favoritos. A adoração extrema que tinha pelas mulheres levou-o um dia a tomar sob a sua protecção as toleradas de Ratisbona. As próprias peças de artilharia punha nomes femininos: a bela Semiramis, a bela Elena, a bela Medêa, Dido, Tisbê.

Praticava tôdas as artes e sciências e êle próprio ditou, de sua lavra, aos secretários, tratados sobre a pesca e a cinegética.

O seu sonho era exceder Júlio César na fama e nos feitos. A si próprio se deu o título de «senhor das terras a Levante e a Poente».

Foi feliz na guerra e próspero na paz. Cercou-se dos grandes artistas do seu tempo e, se foi o último paladino medieval, foi, também, o primeiro monarca do Renascimento. A um palaciano, que, no atelier de Dürer, mostrara relutância em segurar a escada para o pintor subir, disse ásperamente: — Está muito longe de valer êste homem. Fique sabendo que me não custa nada fazer um fidalgo dum vilão, mas dum fidalgo fazer um Dürer, é que não sou capaz!

Era costume seu, ao lado das armas de Espanha, arvorar orgulhosamente as de Portugal. Nele, porventura palpitava bem desperta, bem estreme, a alma ardente dos príncipes de Aviz.

Paris, 1-7-27

AQUILINO RIBEIRO.



Retrato de Maximiliano I (Desenho de Alberto Dürer)

N. da R. — Presentemente, e até 15 de Agosto próximo, no Muséu do Jeu de Paume, nas Tulherias, está patente uma curiosa exposição de arte austriaca, constituída quasi exclusivamente por quadros, esculturas, gravuras, manuscritos e livros, datando da época de Maximiliano I, fins do século xv. Essa interessante exposição sugeriu ao nosso colaborador, o brilhante escritor Aquilino Ribeiro, o artigo que acima publicamos.

LIVROS E ESCRITORES

A tão falada penúria do nosso teatro moderno, que muitos, não obstante termos tido um Gil Vicente e um Garrett, filiam numa constitucional inaptidão do génio português para a literatura dramática, — de quando em quando sofre briosos desmentidos nos trabalhos scénicos duma pléiade de novos, entre os quais, e na primeira fila, encontramos o nome de Vitoriano Braga. Autor do *Octávio*, do «*Salon*» de *Madame X*, da *Casaca Encarnada* e dos *Inimigos*, êle há muito conhece o sabor do triunfo, se bem que, honestamente, nunca o tivesse perseguido, sendo sempre êste que veio direito a êle, ofertando-lhe seus pomos maduros. *Inimigos*, a sua última peça, safu agora em volume. Da leitura dos seus três actos extrai-se a impressão, a confirmar a já colhida perante o

palco, de que para o autor não existem almas impetráveis. Suas psicologias, ainda as mais complicadas, desfibra-no-las êle com mão segura. Nesta obra, duas paixões, a da arte e a da sensualidade,

revezam-se no domínio da ligação de Leonor e Ricardo, figuras que concentram o enredo. No dia em que uma venceu a outra, êsses dois seres que supunham amar-se reconheceram de súbito que se odiavam. Daqui o título, preciso, da peça de Vitoriano Braga, um dos poucos valores positivos do teatro português contemporâneo.

Comemorando a heroicidade dos alunos da Escola Militar mortos nos campos de batalha franceses e africanos, nos anos lutosos de 1914 a 1918, o sr. coronel Mário de Campos, distinto publicista e professor daquele estabelecimento de ensino, escreveu e imprimiu uma formosa quadra inspirada no conhecido verso de Petrarca: *Un bel morir tutta la vita onora*. Mais um feixe de contos para as crianças: *Príncipes e princesas encantados*. Coligiu-os e traduziu-os, com louvável cuidado, uma senhora que se oculta sob as iniciais M. T. M. Também a sr.^a D. Emília de Sousa Costa, escritora que ao género infantil tem votado o melhor do seu delicado engenho, editou *Os Contos do Joãozinho*, com adequadas ilustrações de Raquel Roque Gameiro Ottolini. Um dos melhores amigos do homem é a árvore — coisa, porém, de que êle muitas vezes se esquece. Reproduzi-la e conservá-la, devia ser o empenho de



D. João de Castro, tão vigoroso prosador como inspirado poeta, chamou a si êste ano o encargo de dar as boas-vindas à primavera: para isso imprimiu o seu fragrañte e harmonioso *Auto da Primavera*, que de cada verso desprende a haste duma flor silvestre e solta nos ares um canto de ave tonta de luz e liberdade.

Recapitulando as condições fundamentais do

CONCURSO LITERÁRIO

aberto pela ILUSTRAÇÃO, concurso em que vão ser disputados dois prêmios de 5.000\$00 cada um, damos hoje a nota completa das obras nêle inscritas até à data presente:

- SOLTEIROS e SEM-ESTADO, ambas do sr. dr. Vaz Ferreira;
 ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES, do sr. Aquilino Ribeiro;
 DEVER SACRADO, do sr. João Amaral Júnior;
 SANTA ROSA DO ÊRMO, do sr. M. Duarte Lopes;
 ROMANCE BRANCO, DA CÔR DA MOCIDADE, da sr.^a D. Aurora Jardim Aranha;
 e GENTE DEVOTA, do sr. dr. Campos Lima.

As condições aludidas são as seguintes: 1.^a — Só podem concorrer os livros originaes, de romances ou novelas, cujo texto exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e editados em Portugal, tenham vindo ou venham a lume desde 1 de Outubro de 1926 até 30 de Setembro próximo futuro; 2.^a — Os editores dessas obras terão de enviar-nos cinco exemplares de cada uma delas, para serviço do júri que os classificará, escrevendo nitidamente no envelope: «Para o Concurso Literário da ILUSTRAÇÃO».

todos. Mas, não raro é vê-la alvejada por golpes cruéis, despedidos pelo mero prazer de fazer mal. Todos os livros, portanto, que nos incitem a amá-la e nos ins-

A literatura moderna pôs-s de mal com a província, repudiando a sua vida confinada entre o balcão da botica e a sacristia da paróquia, sempre com os mesmos vultos e o mesmo drama roendo lentamente as almas, como o caruncho numa trave. O tumulto das cidades, o movimento dos transatlânticos e dos expressos, a doida folia dos «dancings» e dos «cabarets», o luxo estonteador, os faustosos scenários, as labaredas de ansiedade que consomem os espíritos contemporâneos, a sua nevrose, os seus vícios, — é com tudo isto que os escritores à *page* enchem seus livros. Ferreira de Castro, talvez o mais original dos nossos novelistas, pode ufanar-se de não traír o carácter da época, pois em suas obras frequentemente se encontra a pintura dos grandes meios — demoníacos laboratórios

e m que o eu humano é sujeito às mais rápidas mutações. Novo livro seu acaba de aparecer: *O vôo nas trevas*, composto de cinco novelas muito bem construídas.

As figuras aí criadas, seja Marcus tímido e apaixonado, sejam Rodrigo e Dalila, nas *Aras da Nostalgia*, ou Mário Sepúlveda, na *Reconquista da Juventude*, que, sob o seu tom de charge, encerra êsse drama tão humano e comum do envelhecer, ou Leandro escultor, ou ainda Julieta e Eduardo na «*Cave*», colam-se-nos à sensibilidade, tanto o autor lhes imprimiu palpação de seres vivos.

truaam sobre a sua vida e o seu préstimo, têm jus a elogiosa menção. Merece-a, e bem, o grosso volume que o sr. Horácio da Silva Eliseu organizou, sob o título de *Noções de Silvicultura*. Livro dum técnico muito sabedor, alcança aplicação não só nas escolas agrícolas como entre todos que possuem terras ou vivem no campo. Elemento importante da riqueza dum país e salubrificadora da sua atmosfera, a árvore gozava da veneração dos antigos e até os povos selvagens, hoje mesmo, a veneram. Homem civilizado, nosso compadre e amigo: confessa aqui à pureza que neste ponto, maltratando-a, és incomparavelmente mais estúpido do que teus remotos avós e dlo que os incolas dos sertões aonde a tuá, aí nossa brilhante civilização ainda não chegou!... Prestante iniciativa é a da *Enciclopédia pela Imagem*, que, nos moldes de idêntica colecção francesa, acaba de ser lançada na nossa língua. Como se depreende do título, numa grande série de



Ao Estribo é um livro de impressões tauromáquicas, dado a lume pelo sr. Pépe Luis, cronista especializado nesta matéria e autor doutro livro há tempos muito discutido entre aficionados: *Cañero nunca existiu*.

Salpicadas de desenhos e fotografias, estas páginas fêrem uma nota simpática: revidicam, e em confronto com os estranhos, o prestígio e a glória para os grandes vultos do toureio nacional, sobretudo para os do toureio a cavalo. A cada passo se rememoram aqui tardes de lides heróicas, em que foram protagonistas figuras notáveis da arena portuguesa, contemporâneas ou das eras idas.



Quando se julgavam já extintos de todo os ecos da campanha anti-clerical a dentro da literatura, — eis que surge o sr. dr. Campos Lima a reavivá-la, no seu romance *Gente Devota*: deve, porém, dizer-se que essa tese da improficuidade do padre e das crenças religiosas na regeneração da humanidade, o autor a desenvolve e documenta nesta obra com dados

Quem estas linhas escreve há muito conhece Horácio Ferreira Alves, autor do livro *Dois Caluniados*, como uma inteligência arguta, o que não obistou a que experimentasse viva surpresa perante a índole dessa obra. É que daquela máscara com traços gorkianos, do seu espírito dado a rebeldias, da sua longa vagabundagem pelo estrangeiro, tudo se esperaria, quanto a labor literário, menos um sereno livro de história, menos uma crítica profunda e sapiente exercida sobre o teor de velhas crônicas. Pois, por estranho que isto seja, é desse género e não doutro a obra que êle acaba de imprimir. E o que é ainda mais admirável é que não se trata duma hipótese armada no ar, *pour épater*, filha duma superficial interpretação de textos. Há nela, bem pelo contrário, uma solidez de argumentos que impressiona, descerrando-nos pontos de vista inéditos no assunto versado: D. Fernando e D. Leonor



Teles, a verdade sobre os seus caracteres, e a cavilosa maneira como Fernão Lopes os deixou descritos na sua crônica. Êle, o monarca sem tino administrativo e de ânimo débil que até hoje nos têm pintado, ela, a rainha cruel e perversa que nos levaram a olhar com antipatia, — saem ambos reabilitados destas páginas, dignas da atenção de eruditos e estudiosos.

do Estado, desde D. Afonso I até ao último dos generais que a actual situação política erigiu à presidência da República, a sua documentação iconográfica é excelente. Organizaram-no dois nomes de respeito: os srs. drs. António Baão e Laranjo Coelho. As traduções continuam a abundar no mercado do livro, e se algumas há que bem se dispensavam outras vêem em boa hora, porque dão a conhecer ao nosso público valores literários estrangeiros de primeira plana. A *Colecção de Hoje*, mantém-se activa e regular: últimamente presenteou-nos com obras de A. Palácio Valdés, o grande escritor espanhol, A. Hernandez Catá, talentoso contista cubano, Clément Vautel, o endiabrado crítico dos vícios do nosso tempo. Essas três obras, de curiosa leitura, são, respectivamente: *Os «Majos» de Cadiz*; *Os Sete Pecados*; *Uma menina sem cerimônia*. Ainda em traduções, mas no campo da literatura suave: *O Castelo dos Noivos*, romance em cartas, de Claude Saint-Jean; e *Um coração ludibriado*, da autoria de Alberto Insúa, romance duma admirável delicadeza de assunto e de forma. Ê que

Pecaria por lisonjeiro quem apelidasse de perfeita a tragédia em quatro actos, *Almas Revoltas*, que o sr. Armando de Lacerda acaba de publicar em volume: mas



constitui o eixo do enredo, é que nos pareceu incompletamente desenhada, senão êste que, posta algum dia a peça em scena, a actriz que a encarnar, se possuir talento, suprirá, convertendo-se em colaboradora do novel dramaturgo.

El Libro de Cañero é um álbum de opiniões em louvor dêste arrojado cavaleiro espanhol, aplaudido em quasi todos os recondéis ibéricos. Organizou-o o sr. Rogelio Garcia Perez, que, além de entusiasta pela arte tauromáquica, maneja uma pena brilhante de jornalista. Individualidade espanholas, portuguesas e também de França, e não só do meio como estranhas



a êle, tais como escritores e poetas, prestam aqui sua homenagem a D. António Cañero. D. Tomás Borrás, escritor distinto e amigo de Portugal, não obstante ser adverso a tal espectáculo, «da más aburrida de las fiestas», prefacia o volume e confessa a sua admiração pela singular galhardia de que o lidador seu compatriota dá provas ao dominar os touros.

Alberto Insúa é um escritor de raça, pondo o seu elevado talento em tudo quanto lhe sai da pena. A *bôca de scena* é uma tradução colectânea de monólogos e anedotas do conhecido autor teatral, sr. Pedro Bandeira. Albino Forjaz de Sampaio prefacia o volume. Dois feixes de alocuções e conferências: *Horas Solenes*, do sr. Osório Goulart, em que há alusões a diversos vultos da literatura, como Garrett, Alexandre Herculano, etc.; e *Discursos*, do sr. António Jeremias Lobo, que os proferiu na Índia Portuguesa.



novos. Análise minuciosa da alma dum padre, que se projecta em belos scenários campesinos, não só aquela figura como o bando das outras subsidiárias obedecem a um desenho firme e flagrante. Alheando-nos do sistema doutrinário de que o romance se faz arauto, agrada-nos salientar o seu relêvo literário, que é próprio dum escritor de pulso.

volumes em que o texto, claro e sintético, aparece como simples acólito da ilustração, vão os que a adquiram possuir uma completa coordenação dos principais conhecimentos humanos, na história, nas artes, nas sciências, nas letras, etc. O primeiro tomo, já em circulação, trata das *Raças Humanas* e exemplifica bem a utilidade desta original biblioteca. Aparenta-se com êste trabalho, na sua complacência com os apressados no estudo, o primeiro mapa dos *Quadros sinóticos da História de Portugal*: abrangendo todos os nossos chefes

As Rosas do Milagre

AO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Aquietavam-se, em boa hora, as truculentas rixas entre o senhor rei D. Denis, *rei que fez o que quis*, e o fogoso infante D. Afonso, seu filho, pois celeremente a Coimbra acorrera Dona Isabel, a rainha, e entre os dois campos inimigos, com ledos contentamento de ricos-homens, escudeiros, acontiadados e infanções e pleno gáudio da pionagem e archeiros, conseguira firmar ditosa preitezia. Arriaram-se os pendões bélicos; emudeceram os toques de guerra. Eia, eia, que já ressonam alacrememente anafis e trombetas; de folgança é agora o ondejar de signas e balsões!

Bom fado auspiciara no berço a *fenix de Portugal*, nuncia da paz, fonte de piedade, pois já sua nascença fôra o sinal de conagração entre os nobres reis de Aragão.

De longada para a sua vila de Alenquer, acaudilhado por suas aguerridas hostes, marchava prasenteiro o rei, porque de gran mágoa lhe fôra o ter de pelejar com o filho. E com êle seguia D. Isabel, *flôr transformada em estrêla*, que no formoso rosto descobria o suave júbilo de seu terno coração pela concórdia estabelecida.

Nesse ridente povoado, certa noite houve a senhora rainha, em sonho, a lembrança de levantar uma igreja dedicada ao Espírito Santo, como prova de amor a Deus, a qual, decerto, mui lhe prazeria.

A alva do manto nocturno mal se desembuçara e já Dona Isabel, acordada, meditava profundamente no sonho peregrino. Seria Deus quem a tão pia e santa obra a exortava? Era possível, porque Êle fala em sonhos aos seus servos. Então, *conforme a tôda a sua humildade*, crispava-a um arrepio de indignação por tam soberboso pensamento.

No entanto, cumpria tratar dos precisos, para que, sem escusadas delongas, o novo templo abrisse suas portas à oração dos bons filhos do Senhor.

Com grande afôgo cobriu-se com suas recatadas e modestas vestiduras e, amparada ao velho e fiel bordão, acudiu ao chamamento da ermida próxima, cujo sino, em-dolentes plangências, avisava os devotos da hora do santo sacrificio da missa.

Todos os dias Dona Isabel cumpria essa religiosa obrigação; nenhum passava sem ela dar, enternecida e submissamente, louvores ao Altissimo, pois tam pronta e ferrenhosa era nas práticas de caridade como nos exercicios de devoção.

Passou-se depois ao rocio e aí propõe aos juises do povo seus desejos e lhes

dos seguida, para o lugar destinado a ser o assento da nova igreja. Que pasmo, porém, se não apossa da virtuosa senhora ao lobrigar as linhas já cavadas dos alicerces! Caso era de maravilha! Devêras enleada, aos juises pergunta se dêles ou doutrem partira a obra que se via; mas os bons homens, da mesma guisa espantados, lhe



De longada para a sua vila de Alenquer, acaudilhado por suas aguerridas hostes, marchava prasenteiro o rei...

requer seu ajudadoiro, que êles mui gostosamente ofertam. Logo veem os precisos mesteirais, dos melhores de cortar e afeiçoar a pedra, a mais seus ajudantes. Então, parte a rainha, no mor respeito por to-

respondeeram que disso nada sabiam e que por certo tinham o não haver êsses cortes ainda dee véspera à noite, pois no campo passaramm às avé-marias e estava todo corrido por igual.

Assim desenganada, foi-lhe forçoso reconhecer o prodígio mirífico do caso, obra de favor divino, e todos assim o tiveram.

Obrigada por essa dilecta prova da benequerença de Deus, que confirmava o aviso do sonho, caíu de joelhos e, enquanto terníssimas e amoráveis lágrimas, mais puras que gótas de orvalho, lhe sulcavam o rosto, de suave formosura, por tempo comprido fêrvidamente seus lábios finos e impolutos, enlevado o espírito na contemplação íntima das coisas do Céu, murmuraram comovidadas orações de graças ao Senhor, por sua tam grada e imerecida bondade. E nelas a acompanharam, perturbados e comocionados pelo milagre, os rudes mesteiros e seus juízes. Depois, maior foi o *louvado sossêgo* de sua alma, límpida como o cristal, porque na graça do Espírito Santo confiava ela plena e francamente.

Com farto desembaraço e actividade, logo começou a acerba faina de aparelhar a cantaria, porquanto mui esforçado era o ânimo dos obreiros em face de tam maravilhoso evento e, por isso, todos jubilosamente se empenhavam em concluir a obra por Deus começada, demais que a senhora rainha, *estrêla transferida a sol*, a vigiava e por ela lhes prometera paga de vantagem.

Reclinado languidamente em fôfas núvens de púrpura estriada de flavas tiras, o sol, cansado da longa jornada, apressurava-se em alcançar a estância de Morfeu.

Então aconteceu de passar pelo campo uma esbelta môça carregada com um grande ramo de rosas, que ela abarcava, às mãos ambas, cuja belesa e frescura bem se casavam com as da jovem, cuja olente fragrância tinha bom par na sua ledice amável.

Tanta formosura haviam as rosas que em todos despertaram cubiçosa admiração, à qual, até, nem a própria rainha, sempre

mui sisuda e púdica, olhando mais as coisas do céu que as da terra, lhe foi alheia e tam vivo desejo sentiu de sua posse que por uma de suas damas à graciosa pucela as mandou pedir.

Então, — quem tal diria! —, as rosas mais formosas ficaram; seu precioso matiz puniceo avivou-se-lhes garridamente; um viçor mais activo, mais exuberante, engrandeceu-lhes sua louçania e tanto e tam delectável se tornaram seus olores que os ares pareciam incensados.

Horas eram da senhora rainha, jóia das de mais valia do Flos Sanctorum, voltar a seus paços. Levanta-se, pois, do escabêlo em que repousava, atenta à obra de Deus,

mandar o descanso de suas casas, que be dèle careciam, pois mui dura fôra a tarefa do dia. Mas ao buscarem as rosas do favor da soberana, com que testemunhassem sua grácil lhanura, não as encontraram! Seu lugar, porém, estava ocupado por moeda de ouro, dobras de bom quilate! Inaudito e estranho caso!

Esbabacados, duvidosos de sua fortuna, determinaram-se a ir falar a Dona Isabel, com a qual depararam ainda no caminho.

Prendia-se-lhes a língua com o enleio embora a senhora rainha sempre fôsse tam mansa de pálvoras como de modos, mui benigna e chá de trato. O enleio, porém,

era de gratidão. Por fim, ante suas brandas instâncias, disseram-lhe que sua alteza lhes mandara pedir dobras no lugar das rosas, mas que ellas não tinham mercê tão generosa recompensa, só própria de caritativa magnanimidade de tão alta e indulgente senhora. Pela qual, no seu profundo reconhecimento, lhe beijavam os pés.

Ouvindo êsse portentoso e insólito feito, conheceu Dona Isabel que tal era milagre do céu, pois só por intervenção divina poderia a *puçador da rosa converter-se no lusimento do ouro*. Enlevada e temerosa a um tempo pela clemência com que Deus a distinguia, por momentos ficou suspensa, abstracta; mas logo retomando sua serenidade, caíu no chão e assim prostrada

postos os olhos na terra e o coração no

céu, humildemente, comovidamente, deu ardorosas graças à grandeza divina por sua tam larga misericórdia com tam grande pecadora, que ao preço de maravilhas queria ajudá-la na sua obra.

O pecado fez que as rosas tivessem espíritos, mas pela virtude se mudaram as rosas em ouro.



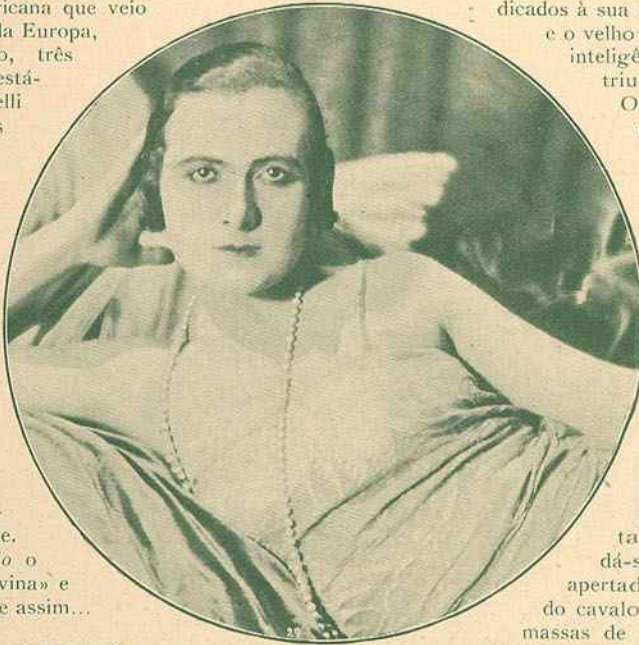
... e dos seus bons mesteiros se despede afáavelmente, a cada um oferecendo sua rosa como paga realenga do rude jornal

e dos seus bons mesteiros se despede afáavelmente, a cada um oferecendo sua rosa como paga realenga do rude jornal. Receberam-nas os bons homens com respeitoso sorriso, porquanto como bondosa cortezania consideravam tal oferta, e em sitio bem limpo cuidadosamente as guardaram.

Sol pôsto, já longe devia ir Dona Isabel, prepararam-se os laboriosos oficiais para de-

CINEMATOGRAFIA

Antes da grande invasão americana que veio modificar a face cinematográfica da Europa, conheciam-se, no velho mundo, três grandes trágicas de glória incontestável: Lyda Borelli, Pina Menichelli e Francesca Bertini, expoentes máximos da cinegrafia italiana, então detentora duma incontestada hegemonia. Das três grandes artistas, foi a última que mais profundamente chegou à alma das multidões. Quando a Bertini desapareceu do *écran*, deixou inapagáveis saudades e a tristeza de se supor que a idade, a implacável inimiga, apagara brutalmente a sua estranha beleza. Mas eis que, como num fantasmagoria, Francesca Bertini reaparece, triunfando novamente, num corajoso alarde de beleza e de arte. Chama-se *O fim de Monte Carlo* o filme que nos traz de novo «a divina» e o seu argumento pode condensar-se assim...



Olga Demidoff (Francesca Bertini)

dicados à sua mão: o jornalista Sérgio Fretigny e o velho conde de Marsan. É a bondade, a inteligência afectuosa do conde, quem triunfa na pugna amorosa e a linda Olga aceita-o por marido. Mas, no dia dos esponsais, surge na festa um homem misterioso, o argentino Jaime Ferriás, cujo olhar enigmático persegue ardentemente Olga, perturbando-a deliciosamente, embora lhe infunda um fantástico temor. Aquele olhar será, dali em diante e sempre, a sua obsessão.

Ferriás e o seu apaniguado Francis surgem depois nas recepções do conde de Marsan e ganham a este grandes quantias ao «poker», oferecendo-lhe a desforra numa partida de polo com elevada aposta. Nesta partida, inesperadamente, dá-se um grande desastre. Numa fase apertada do jogo, o marido de Olga cai do cavalo e é atingido pelas pancadas das massas de Ferriás e Francis. O conde vai morrer, pouco depois, nos braços de Olga, sob o olhar indefinível do argentino.

Olga, filha do conde Demidoff, nobre foragido da Rússia bolchevista, tem dois pretendentes de-



O conde Demidoff, sua filha Olga e a condessa, tinham fugido da Rússia revolucionária.....

Olga retira-se para Monte Carlo. Ali, o seu antigo enamorado Sérgio, vai visitá-la e conta-lhe que veio à Côte d'Azur no desempenho da missão jornalística de averiguar se são verdadeiros os boatos que correm de que um enigmático estrangeiro que



O almirante Montero seria o misterioso jogador do casino?

faz sensação no Casino pelo jogo terrível que põe em prática, é, nem mais nem menos do que o almirante sul-americano Montero cujo couraçado «Neptuno» está ancorado na baía, em escala para Toulon, onde vai levar doze milhões para pagamento de alguns submarinos. Olga está também muito perturbada porque seu pai lhe comunica estar completamente arruinado, necessitando de algumas somas importantes para salvar a honra comprometida. A linda Olga Demidoff toma uma resolução suprema e vai pela primeira vez ao Casino de Monte Carlo para pedir ao jogo o dinheiro de que seu pai precisa. Olga, que ganha a princípio, em breve começa a perder vertiginosamente. Fita o seu adversário e vê com espanto que é Jaime Ferrias, ao tempo que Sérgio lhe segreda que é ele o misterioso estrangeiro que dizem ser o almirante Montero.

Olga sente de novo a indefinível sensação de outrora ante os olhares daquele que parece ser o seu génio mau e retira-se decidida a averiguar, seja como for, a verdade sobre o estranho argentino. Com um feminino ardil consegue que Ferrias vá a sua casa, numa noite silenciosa e cheia de mistério.

O encontro entre os dois, criaturas espiritualmente fortes e decididas, ela a saber a verdade, ele a conquistar a mulher inacessível, é uma luta tremenda de astúcia e paixão. Mas Ferrias, ao ler nos olhos de Olga a suspeita da sua culpabilidade na morte do conde de Marsan, revolta-se e grita-lhe o seu desespero e a sua paixão arrebatada. E os seus olhos dominadores, conquistam nesse momento o amor de Olga que acalma num beijo a loucura de ambos.

Os dois apaixonados escondem de todos a sua felicidade mas novamente o pai de Olga, envolvido em terrível bancarrota, apela para a filha. São precisos dois milhões para o salvar e Ferrias, ao sabê-lo, promete a Olga trazer-lhe o dinheiro. Para isso, busca o conselho do imediato do «Neptuno», seu amigo e depois de larga luta de consciência aceita as indicações deste.

Horas depois, o director do Casino recebe o cartão do almirante Montero, comandante do «Neptuno». Uma vez recebido, o visitante declara que jogou no Casino, perdendo, dois milhões dos doze que trazia para pagar em Toulon. Tomara então uma desesperada atitude. Antes de pôr termo à vida, desejava que o Casino lhe restituísse os dois milhões para reconstituir a soma que o seu governo lhe entregara..... É Sérgio que conta a Olga o que a sua curiosidade de jornalista lhe revelou; Ferrias e Montero são uma e a mesma pessoa e ante a recusa do director do Casino, o almirante jogador formulara o seu ultimatum. Se, até à meia noite, o Casino não entregasse a soma exigida, os canhões do «Neptuno» reduziriam a escombros o soberbo templo do jogo em alguns minutos de bombardeamento.

Olga compreende tudo; Ferrias quer conquistar à força os dois milhões de que ela precisa para salvar o pai. Então, ao aproximar-se a meia noite, corre, alucinada ao porto. Mas diante dos seus olhos pávidos dá-se a scena terrível. Os dez

grandes canhões do barco começam a vomitar metralha e as granadas explosivas destroem em alguns minutos o orgulhoso edifício do Prazer, reduzindo-o a escombros e ruínas. É uma comoção cerebral a prostrou..... Foi o conde Demidoff, seu pai, que lhe contou tudo, nos primeiros dias de convalescença. Sérgio, enamorado repellido, forjara uma intriga. Ferrias, realmente, usurpando o nome do almirante Montero, procurara o director do Casino e deste obtivera, m a s sem ameaças e por empréstimo, a quantia de dois milhões, invocando razões de honra militar. Com esse dinheiro, fizera a fortuna do conde Demidoff e honradamente o restituira

ao Casino. O bombardeamento de Monte Carlo existira apenas na imaginação de orientada de Olga, impressionada até loucura pelo relato pífido de Sérgio.

E o amor de Jaime Ferrias e de Olga pôde então desabrochar plenamente à luz do sol refulgente da Costa Azul.

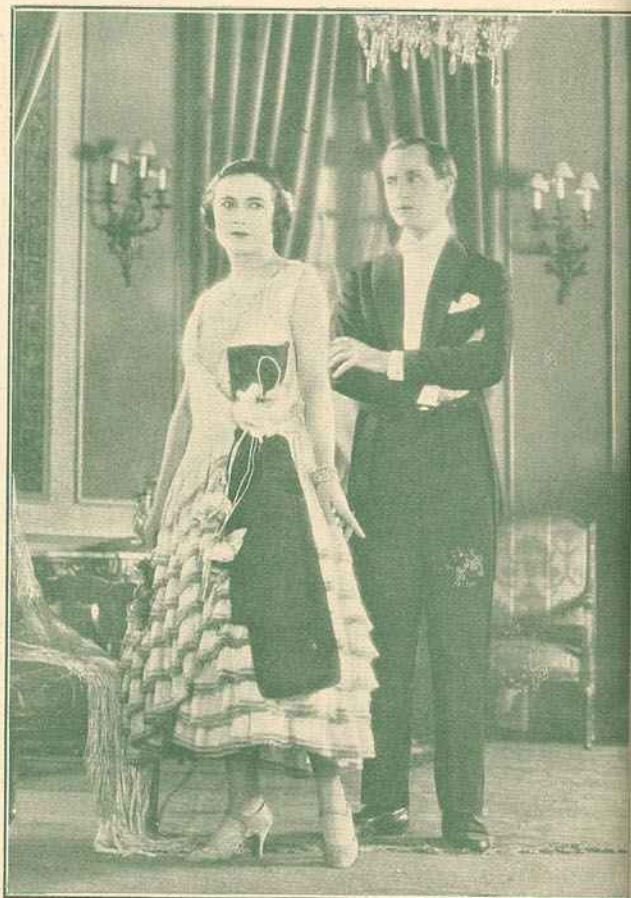
*

No grande concurso efectuado em Paris pelas «Productions Natan» para escolher artista que devia incarnar a figura excepcional de Joana d'Arc no filme de Marc de Gastyne, foi classificada em primeiro lugar Simone Genevois, já conhecida nos estúdios cinematográficos. A segunda e terceira classificadas devem também ser contratadas por outras grandes firmas tais as qualidades manifestadas.

*

A linda espanhola que em Galvesto envergou o «maillots» e a bandoleira de «Miss España», é Maria del Pilar Casajuana, filha duma excelente família de Barcelona e que ganhou em Espanha concurso de fotogenia organizado pela Fox e triunfando de 40.000 concorrentes.

A linda espanhola que, à data, era dançarina lógrafa duma casa barcelonesa, em virtude de dificuldades de vida, foi logo contratada pela casa Fox como vedeta e a sua partida para os Estados Unidos foi aproveitada para nela se delegar a representação da beleza hispânica.



Sérgio, não podendo esquecer a sua paixão repellido, infiltrara na alma de Olga o veneno da suspeita...

A CASA PORTUGUESA

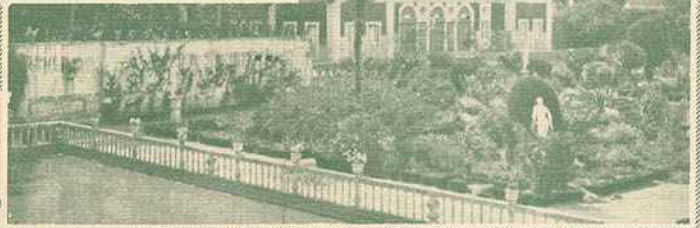
QUINTA DOS MARQUESES DE FRONTEIRA BEMFICA



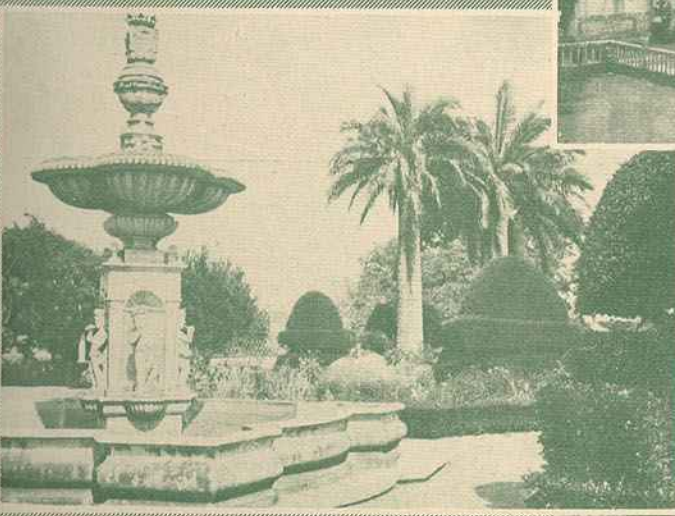
Já nos seus números 22 e 23 publicou a *Ilustração* vários aspectos desta nobre residência, propriedade dos Srs. Condes da Torre. Hoje reproduzimos aqui alguns trechos dos notáveis jardins.

Magnífico é o grande lago com a Galeria dos Reis para onde se ascende por duas largas escadarias.

A água límpida tam fiel em repro-



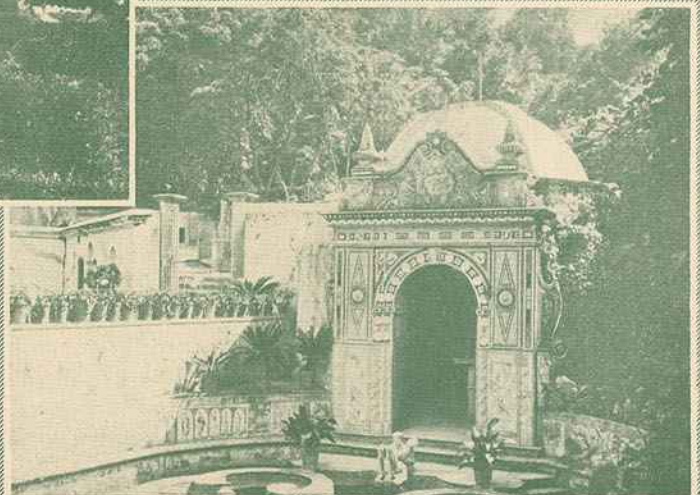
duzir os mármores e os ricos painéis que a emolduram, nada nos diz — infelizmente — das festas e histórias que em mais de dois séculos à sua volta se deram...

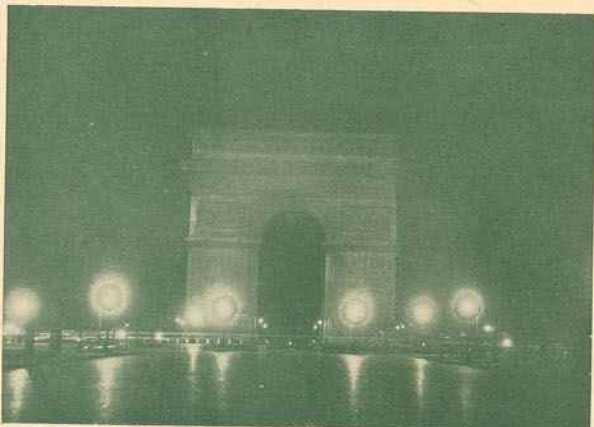


Uma das fachadas do palácio deita para um grande jardim à italiana.

Ao meio do jardim maior ergue-se uma linda fonte que ostenta acima da taça quadrilobada o brasão dos Mascarenhas.

A um lado do pequeno jardim aquático — meio gruta, meio pavilhão — um daqueles mimos de embrechados tam característicos de velhas quintas portuguesas.





O Arco do Triunfo em plena noite

Comecem os leitores por desculpar que numa revista tão castiça, como tem procurado ser a *Ilustração*, apareça um título em francês. Sem intuídos de reclamo, aqui se explica que é sob a designação de «Paris la Nuit» que uma agência parisiense de viagens promove diariamente pitorescas excursões através da cidade-luz, que graças à sua municipalidade continua a merecer materialmente a luminosa designação, em contraste com o aspecto lóbrego de certa capital, que não vale a pena mencionar, tão presente está o seu nome no espírito de todos nós, lisboetas.

As nove e meia da noite, quando os *boulevards* flamejam na triplíce fila dos lâmpões, largam do *boulevard* dos Italianos os *auto-cars*, vastos como barcaças e confusos de linguagens, como sucursais ambulantes da Torre de Babel. A doce fala latina é abafada pelo chocar violento das guturais anglo-saxónicas, que gralham, à compita, ingleses e americanos.

Por vezes, algum velho parisiense de *carognaç*, lapeta florida com a roseta vermelha, pára a comentar, com a ironia dum sorriso, a *azáfama* da caravana internacional.

O programa da excursão é tentador, pelas perspectivas d'esse Paris nocturno, que visto do ar deve parecer um retalho do céu caído sobre a terra, todo picado de estrelas ainda vivas. Mas mais pitoresco é interessante do que o deslizar sobre o chão espeleto dos *boulevards* é a observação dos companheiros de excursão, na sua quasi totalidade americanos e ingleses, que ingénua e creem que, a trinta e cinco francos por cabeça, vão ser iniciados, a um tempo, nas belezas e mistérios da noite parisiense.

Esperta, ladivamente organiza a agência viajeira os seus passeios com dois *clons* sensacionais: a visita às catacumbas da rua Mouffetard e a paragem num *cabaret*, que defronta o bisantinismo imponente da basílica do Sacré-Cœur.

Tentado pelo pitoresco da passeata,



A Ópera, iluminada, em noite de espectáculo

«Paris la Nuit»

agências excursionistas contam em Paris. Caracterizadamente enfileirado entre os partidários de Léon Daudet, a despropósito de tudo o guia sagaz, fazendo relubar de ironia os vidros das suas lunetas, fazia política... como um português.

Na praça da Concórdia, antiga praça da Revolução, teve artes de misturar a gilotina e a estátua da Liberdade, que tempos se ergueu no local onde hoje é o obelisco egípcio, com a Câmara dos Deputados, tirando ilações com um esmero de controvérsia, que lhe deve ter dado um lugar de destaque entre os *camelots* do rei.

Na praça da Bastilha, o pitoresco que foi duma tal eloquência, em três línguas que reuniu em volta do carro um grupocrosta, como qualquer pregador populeiro das nossas ruas. A assembleia cosmopolita propôs, com um sorrisinho acerado, o problema embaraçante: «Como se entende que o povo derrubasse a Bastilha para libertar os nobres e logo a seguir fizesse revolução contra a nobreza?»

Ingleses, americanos, espanhóis, portugueses, checo-slovacos e outros, que constituíam a tripulação do carro, guardaram sobre a tremenda pergunta histórica um silêncio, que ou foi de embatucamento ou de indiferença.

Através de ruas estreitas e rodeando a nova mesquita e universidade mussulmana, que rebrilhavam em floridos vitrais através dos rendilhados das frestas, chegamos às catacumbas da rua Mouffetard.

Reunese aí toda a caravana, composta por dez ou doze carrões. Atravessamos um pátio escuro e mergulhamos por uma escada húmida e escorregadia nas galerias subterrâneas, que nada tem com as escavações da época galo-romana, que deram de si a pedra com que se edificou a velhíssima Lutetia. Trata-se duma antiga barreira, explorada até aos ossos de granito, para alimentar a indústria de olaria das cercanias.

Ah! vamos topar com as mais ridículas armafiças ao espírito ingénuo do excursionista.

Aproveitando um recanto das escavações, em péssima scenografia depara-se-nos um Calvino mal feito a ensinar a seis discípulos, mais mal pintados ainda, as suas doutrinas heréticas. Ao lado, um letrado redigido em francês e inglês, procura convencer-nos de que a tradição pretende que Calvino ali doutrinou, escapando-se às perseguições católicas de Paris.

Mas não é tudo. Um castelo de tradições tremendas de ladroagem e banditismo recosta o seu perfil de ruína sobre o fundo vermelho das lâmpadas eléctricas. Porquê? Inventá-se, para o explicar, um subterrâneo que ligava o solar de ladrões às catacumbas. Depois é a feteira da idade média, evocada com efeitos de luz, para fazer aparecer o Diabo pintado num transparente. Deste *truc*, devo confessá-lo, até os ingleses se riram.

No capítulo do inverosímil, não se detem a fantasia dos *metteurs-en-scène* das catacumbas nestas notas pitorescas. A sua au-



A Praça da Concórdia, vendo-se a silhueta da cidade de Strasburgo



O perfil da catedral de Notre-Dame de Paris, destacando-se no nocturno

dácia vai até ao ponto de pôr em Santa Genevra, a padroeira de Paris, a apascentar seus cordeirinhos de pasta numa caverna dos preleccionadores. A Santa, como o faz notar um preleccionador, é de carne e osso, o que se verifica quando ela larga a cantar, com uma voz cansada de soprano aposentado, uma canção, que os guias garantem ser contemporânea de Santa Genevra, mas traduzida em francês moderno para entendimento geral.

Quem, antes de ter feito a visita das catacumbas, haja passado no Pantheon, verifica, nos frescos que o adornam, que a padroeira de Paris viveu mais de oitenta anos. A artista, que nas catacumbas encarna a Santa, confirma, quasi, esta verdade histórica.

Mas a agência promotora das excursões

Paris la Nuit é incansável em proporcionar diversões e não se limita, portanto, a uma canção feminina, gemida nas entranhas da terra. Para nos dar a impressão do negrume subterrâneo, há um cotovelo de galerias onde falta a luz eléctrica. Acendem-se pavios e cis-nos em frente do «Poço que fala» — belo título de capítulo à Ponsou da Terrail, evocador de duendes e mistérios.

Um preleccionador conta-nos a lenda do poço falante, em que se atribui a uma alma penada dum velho explorador das barreiras a canção estranha que se ouve, por vezes, à superfície da terra, saindo da boca do poço. E nesta altura, teatralmente, fendendo a turba dos excursionistas com o seu carrinho de mão e deixando atrás um velho albardeiro mal amanhado, surge junto à margela do poço um antigo barítono que nos canta, em voz potente, «o que dizem as pedras». Fina a romança, um dos guias queima um fogo de bengala na boca do poço e a multidão sai por um corredor de adegas, cheirando a vinho em fermentação.

Depois, a toda a força de motores, atravessa-se Montmartre, que arde na loucura dos *cabarets* fortemente iluminados. Depois da paragem em frente do Sacré-Cœur, para ver Paris, que se não vê na sua covia, é o Cabaret de la Rotonde que nos espera. E lá vamos encontrar, de mistura com velhos artistas fora de uso e de moda, o barítono alma penada e a Santa Genevra das catacumbas.

E não se sabe o que mais devemos admirar: se a audácia da agência excursionista, se a gravidade com que ingleses e americanos aceitam ou fingem aceitar, a sério, aquela iniciação no Paris nocturno.

Depois da farrugada das catacumbas e da caricatura da vida de *cabaret*, para o excursionista «ver, como está bem vingada a Suíça maquiada», que Alphonse Daudet inventou e troçou no *Tartarin sur les Alpes!*

UMA NOVA COIMBRA

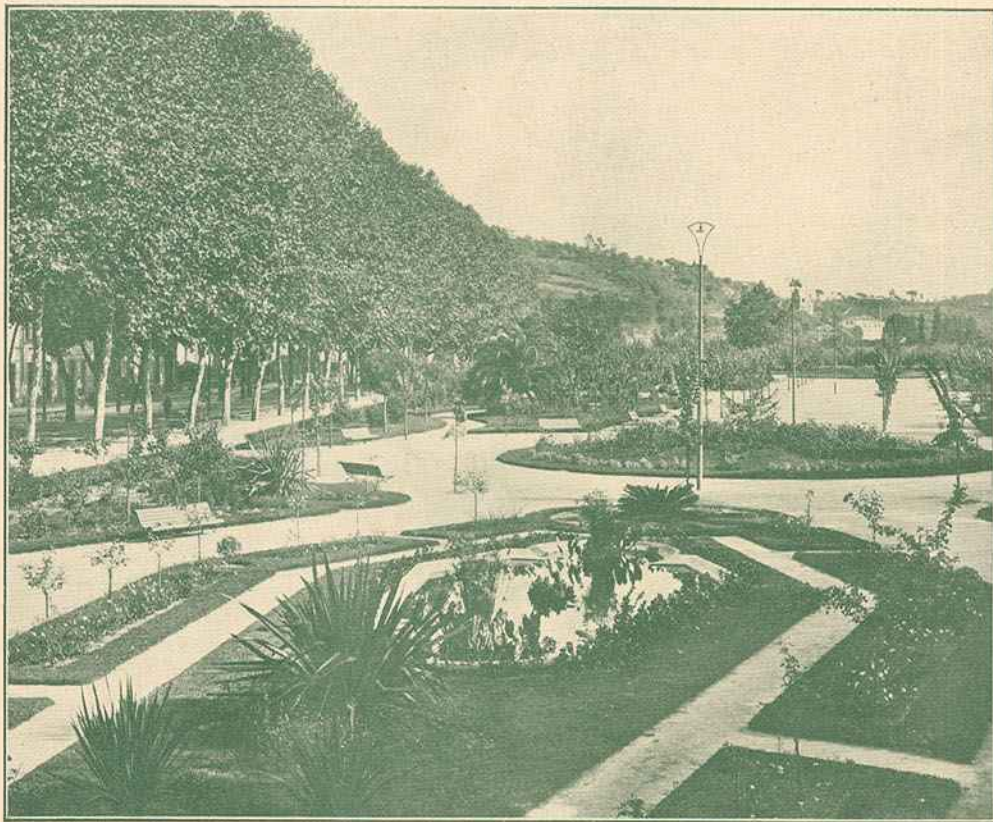
Ovelho burgo universitário, que é uma das mais lindas cidades de Portugal, aureolada de lenda e tradição, empreendeu inteligentemente a sua modernização, por um aformoseamento em que são aproveitados hábilmente os elementos de beleza natural com que Coimbra foi pródigamente dotada.

Sem derribes inúteis ou iconoclastas, conservando o que há de pitoresco, tradicional e belo nos tórtuosos arruamentos da cidade velha — Esteirinhas, Palácios Confusos e tantos outros recantos evocativos dos velhos tempos — encontrou Coimbra quem concebesse e realizasse um plano de melhoramentos, com um sentido completo do que deve ser a moderna estética cidadina.

Aos esforços da sua Comissão de Iniciativa e Turismo deve já a linda cidade do Mondego a construção do Parque da Cidade, que abrange o antigo Jardim do Cais e o pântano da Insua dos Bentos, correndo à beira-



Trecho da Mata do Vale de Canas, nos arredores de Coimbra, futura estância de vilegiatura e recreio



Um aspecto do novo Parque da Cidade, importante melhoramento com que a Comissão de Turismo local dotou Coimbra

ra-rio, perante o panorama magnífico de Santa Clara.

Quasi 200.000\$000 empregou já a Comissão de Turismo coimbrã na construção deste parque, magnífico de aspecto, extenso e bem perspectivado, mas mais longe ainda fez a aquela Comissão o seu esforço benemerente e o seu plano de empreendimentos, adaptando a estância de repouso a linda mata do Vale de Canas, situada num dos mais formosos arrabaldes da cidade, a uma altitude de 280 metros e distando apenas 10 quilómetros do aglomerado urbano. Um grande lago para canotagem, uma vasta piscina de natção, fontes, cascatas, alimentadas por água nativa e captada, alegre, com a vista e o som cantante das águas, essa estância magnificamente arborizada, que abrange uma área de 300.000 metros quadrados, aproximadamente.

Dentro em breve, a Estância do Vale de Canas será um dos mais interessantes e importantes centros de recreio e vilegiatura do nosso país.

FEMININA

O QUE A MODA NOS DIZ



nha da *toilette*. Mas a ideia, o gosto pelas — *robes de estytle* — evocadores de épocas faustosas — em que a mulher, estilizada em encanto e graça feminil, não pensava na masculinização de mau gosto e errado efeito que ultimamente quasi a entonteceu, — surgiu. E com as amplas saias *balloñées*, com os corpos ajustados, modelando o busto, impôs-se a necessidade de fazer descer a orla dos vestidos, — das imponentes *robes d'estytle*, apenas, é claro... — até ao artelho, para equilibrio harmonioso do conjunto estético.

Assim se preparou subtilmente o olhar para receber sem sobressalto brusco, nem imposição severa, a descida das saias.

E agora, é ver como as grandes modistas fogem de compor as grandes *toilettes* de cerimónia muito curtas.

É certo que, — a não ser nos vestidos



de estilo antigo, — não marcam ainda francamente, em linha nítida da orla, as saias compridas. Mas, hábeis como são em tirar efeitos impressionantes de pequenas coisas, ao passo que conservam os *fourreaux* curtos, dispõem em pontas, em recortes, de mil artificiosas maneiras, enfim, os tecidos que os recobrem, ultrapassando sensivelmente o limite dos *fourreaux* e conseguido por meio dessa louvável subtilidade dispor um efeito de alongamento dos vestidos, que, embora condicional, por agora, é, todavia, o passo de transição para a real fixação das saias compridas, num futuro talvez muito próximo.

Assim, enquanto os vestidos de carácter práctico, êsses que exigem uma franca liberdade de movimentos compatível com as necessidades de actividade que a vida hodierna impõe à mulher, as grandes *toilettes*, criadas apenas para o pleno realce do seu encanto, da sua formosura, crescem, alongam-se, a envolver a mulher num manto de graça, recordando-lhe a silhueta com senhoril elegância.



Pelo que respeita à linha geral da *toilette*, a moda pouco tem a dizer-nos que não conhecemos já. É certo que, após um exame atento dos mais recentes modelos, e dum estudo desapaixonado das preferências manifestadas pelas grandes autoridades femininas em questões de elegância, descobrimos a intenção de introduzir na silhueta sensíveis modificações, principalmente no tocante à altura das saias. De facto, o encurtamento ousado que nos últimos anos caracterizou a *toilette* feminina, não é já observado com a rigorosa uniformidade do costume. Até há pouco, quer se tratasse de vestidos luxuosos, de grande cerimónia, ou simplesmente de outros destinados a fins prácticos e modestos, a altura das saias era sempre a mesma, como a li-

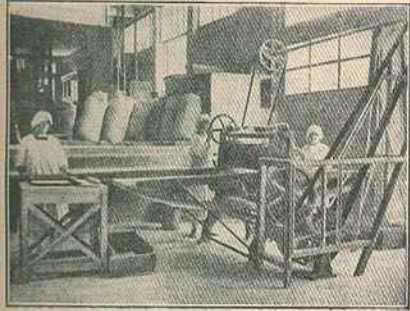
PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



LISBOA — A CIDADE SOB A TROVOADA

AS FARINHAS LÁCTEAS

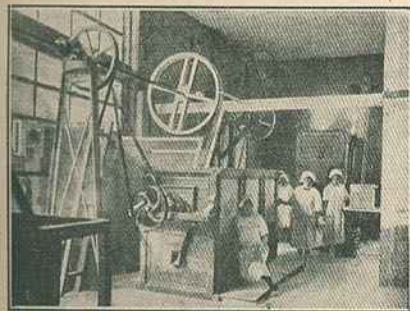
Liebig, um alemão, aí por meados do século passado, preparou uns caldos cujas propriedades alimentícias equivaliam, em seu dizer, às do leite de mulher. Junta-



Oficina de amassar a farinha de trigo com malte

vam-se partes iguais de farinha de trigo e de malte, adicionava-se-lhes água, leite e algumas gotas de soluto de carbonato de sódio e aquecia-se a mistura lentamente e com interrupções para dar tempo a que o fermento exercesse a sua acção. Quando o líquido se tornava límpido e adquiria gosto açucarado elevava-se a temperatura até à ebulição. Seguidamente passava-se por peneira fina para separar quaisquer impurezas.

Os caldos de Liebig, que tiveram grande voga, principalmente na Inglaterra e na Alemanha, eram, como se vê, de demorada e trabalhosa preparação. Além disso não tinham as propriedades do leite. Neste existem substâncias albuminóides, uma das quais, a que coagula formando queijo, lhe é própria, um açúcar especial, a lactose, e gorduras que constituem a manteiga. Nos caldos de Liebig, não considerando as matérias constituintes do leite que entra na sua constituição, existe como principal alimento um produto que resulta da transformação do amido do trigo por acção do



Laminagem da massa

malte. Esse produto é um açúcar chamado maltose.

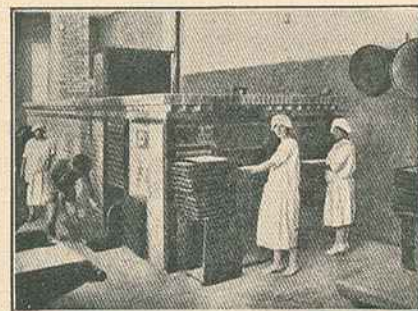
No nosso organismo os amidos são digeridos por fermentos que o canal diges-

tivo segrega, sendo a maltose um produto intermediário dessa digestão. Dêste modo toda a vantagem dos caldos de Liebig e de outros preparados em que figura o malte adicionado a farinhas, consiste em fornecer êste último alimento em estado já adiantado de digestão.

Essa digestão prévia deve-se a um fermento existente no malte, que é a cevada cuja germinação foi bruscamente interrompida e a que se tirou a pequena raiz. As reservas de amido que existem no grão de cevada, aproveita-as a nova planta mercê dêsse fermento. Assim podemos chamar às farinhas com malte farinhas maltadas porque uma maior ou menor porção do seu amido está transformado em maltose.

Essas farinhas teem as suas indicações. Aproveitam a crianças de tenra idade e a crianças e adultos em certos estados dispepticos. Não são, porém, equivalentes do leite.

Mais semelhantes a êste em composição são as farinhas lácteas em que entra o leite em maior proporção. Preparam-se amas-



Forno de cozer a massa

sando farinha de trigo, malte e açúcar em condições de quantidade relativa e de temperatura mais próprias para que o fermento transforme o amido do cereal. A massa estende-se depois em delgadas camadas de meio centímetro de espessura e nelas se recortam losangos de cinco a dez centímetros de lado. Levam-se êstes depois ao forno, à temperatura de cerca de 200 graus. Quanto ao leite ou se encorpora na massa, e então o calor do forno realiza a evaporação, ou se concentra à parte misturando-se depois com a massa que sai do forno. Fica então um caldo espesso que se liberta de líquido pelo aquecimento em estufa.

A farinha que resulta é finamente peneirada e por fim metida em latas que se fecham herméticamente. Pode assim conservar-se durante alguns anos.

Uma farinha láctea preparada com os devidos cuidados é, na verdade, um bom alimento, pois tem, sob forma condensada, os princípios nutritivos existentes no leite, e ainda açúcar de cana e maltose resul-

tante da transformação do amido por acção do fermento do malte. É, afinal, um alimento que todos conhecem, das cidades às aldeias, e que presta bons serviços na



Redução da massa cozida a farinha

alimentação de crianças, principalmente quando lhes negam os seios, bem como na de doentes e de convalescentes. São ainda mais de aconselhar sob forma de caldos feitos com leite.

Convem, no entanto, ter presente que essas farinhas podem perder grande parte das suas qualidades por descuidos involuntários ou propositados na sua preparação. Ou porque lhes diminuem a proporção de leite, ou porque a maltagem não seja feita a temperatura conveniente, ou porque a farinha de trigo não seja de boa qualidade, enfim por vários motivos pode uma farinha láctea ser muito inferior ao que dela deve exigir-se como alimento substancial e de fácil digestão.

Mesmo, porém, que sejam da melhor qualidade: os materiais que entram na sua constituição e que à sua preparação se tenha procedido com o maior cuidado, pode a farinha láctea não assegurar a boa nutrição do indivíduo quando tomada exclusivamente. Tanto o leite como o grão de trigo teem certas substâncias, a que deram o nome de vitaminas, e que são elementos indispensáveis da nossa alimentação. Com temperaturas elevadas essas vitaminas destroem-se. Por isso é conveniente que tendo alguém de sujeitar-se durante muitos dias à alimentação por farinhas lácteas, a não torne exclusiva e lhe adicione algum alimento fresco, o leite por exemplo, em pequena quantidade que seja.

sagem, apanhei a espingarda de que me desembaraçara, depois do que, tendo encontrado o regato que me servia de guia, me precipitei na direcção do acampamento, não sem deitar para trás, de quando em quando, uma olhadela assustada.

O ruído sêco dum tiro, ao longe, ecoou de súbito no ar calmo. Parei e escutei: nenhum outro se lhe seguiu. Por momentos a mim próprio perguntei se não teria desabado sobre os meus companheiros algum perigo inesperado. Mas logo me tranquilizei com uma explicação mais simples e natural: era já dia claro e sem dúvida tinham dado pela minha ausência; julgavam-me, provavelmente, perdido nos bosques, e o tiro não tinha outro fim senão orientar-me. É verdade que nós tínhamos firmemente resolvido não disparar tiros, mas tôdas as considerações tinham cedido perante o perigo em que eu podia estar. Devia, portanto, apressar o passo para dissipar o mais breve possível as inquietações que a minha ausência provocara.

Quebrado de fadiga, eu avançava menos rapidamente do que queria, mas, por fim, cheguei a uma região minha conhecida. À esquerda ficava-me o pântano dos pterodactilos e na frente a clareira dos iguanodons. Quando passei a última espessura do arvoredo que me separava do «Forte Challenger» soltei alguns brados de alegria para prevenir e tranquilizar os meus companheiros, mas não obtive resposta. Este silêncio gelou-me. Larguei a correr. O «forte» surgiu na minha frente, tal qual eu o deixara, mas a porta estava aberta. Atirei-me para dentro do recinto. A fria luz da manhã iluminava um horrível espectáculo: tôdas as nossas bagagens estavam espalhadas desordenadamente pelo chão; próximo das cinzas ainda quentes da nossa fogueira uma larga mancha de sangue avermelhava a erva.

O choque que a vista do acampamento me produziu deixou-me por momentos aturdido e prestes a perder a razão. Recordo-me vagamente, como se recorda um mau sonho, de me ter precipitado nos bosques, lançando brados de socorro e chamamento, como um louco. Mas as sombras dos bosques permaneceram silenciosas. Desesperava-me a idea de não tornar, talvez nunca mais, a ver os meus companheiros, de me encontrar abandonado por completo, sem meios de regressar ao meu mundo, neste país de pesadêlo, onde teria que viver e morrer! Arrancava os cabelos, batia com a cabeça no chão, no meu desespero. Só agora eu via quanto me habituara a apoiar-me nos outros, na imperceptível confiança de Challenger, no autoritário sangue-frio de lord Roxton. Sem eles eu era como uma crinaça, incapaz de me bastar a mim próprio. Não sabia o que resolver, nem para que lado me virar.

Ao cabo de algum tempo, em que estive como que embrutecido, sacudi o meu torpor e experimentei determinar qual a catástrofe que se produzira. O aspecto lamentável do acampamento demonstrava-me que elle sofrera um ataque; o tiro devia ter precisado o seu início e se não tinha sido disparado senão um tiro, era porque tudo se tinha passado num minuto. As carabinas jaziam ainda por terra e uma delas, a de lord John, tinha na culatra um cartu-

cho vazio. As mantas de Challenger e de Summerlee, estendidas junto do fogo, atestavam que os dois dormiam ainda quando o ataque se produziu. O conteúdo das nossas caixas estava disperso pelo chão, numa confusão medonha; os aparelhos fotograficos e os porta-placas jaziam aqui e além; mas nem um único objecto faltava. Só uma quantidade considerável de provisões, que havíamos tirado das caixas, tinha completamente desaparecido. Era, portanto, a animais e não a homens que se devia imputar a catástrofe, porque se fôsem homens teriam varrido tudo na sua passagem.

Mas se os meus companheiros tinham tido que se haver com vários animais, ou só um terrível animal, o que era feito d'elles, dos meus amigos? Se um animal feroz os tivesse morto, teria, pelo menos, deixado os seus despojos. Um monstro como o que me perseguira poderia ter arrebatado a sua vítima, como o gato faz ao rato, mas, nêsse caso, os outros companheiros teriam perseguido o monstro e então teriam levado as suas carabinas.

Quanto mais pensava no caso, menos o meu espirito me fornecia uma explicação plausível. Explorei o bosque em tôdas as direcções sem descobrir nenhum indício que me permitisse chegar a uma conclusão. Acabei, mesmo, por me perder na floresta e por elle durante uma hora antes de encontrar o caminho para o acampamento.

Acudiu-me súbitamente uma idea, que me deu um pouco de coragem: eu não estava só no mundo. Lá em baixo, na planície, no sopé da muralha e ao alcance da minha voz, o fiel Zambo esperava. Fui até à beira da muralha e olhei para baixo, convencido de que elle estaria no seu pôsto, junto do fogo, embrulhado nas suas mantas. Mas com grande surprêsa vi um outro homem sentado em frente de Zambo. O meu coração palpitou de alegria, porque a princípio supuz que um dos meus companheiros tinha conseguido descer. Mas depressa me desenganei. O sol, erguendo-se no horizonte, iluminava a face d'aquelle homem em quem reconhecí um indio. Gritei muito alto, agitei o lenço. Zambo levantou-se immediatamente, acenou-me com a mão e começou a escalar a agulha rochosa. Em breve estava na minha frente, de pé, ao lado do abismo, ouvindo, com profunda angústia, o relato que eu lhe fazia da desapareição dos meus companheiros.

— É mais do que certo — disse elle — que foi o diabo que os arrebatou, senhor Malone. O senhor está no país do

diabo, que acabará por os levar a todo. Creia no que lhe digo e trate de descer o vem a succeder-lhe o mesmo.

— Mas descer como, Zambo?

— Arranque uns cipós, senhor Malone atire-mos para cá, que eu ato-os ao resto do tronco da árvore, e assim terá um ponto.

— Já pensámos nisso, mas por aqui não há cipós sufficientemente sólidos para êsse efeito.

— Então, é preciso procurar cordas.

— Mas mandar procurar por quem aonde?

— Nas aldeias índias, senhor. Há sempre numa aldeia de índios cordas de coiro com abundância. Tenho comigo um indio, incumba-o dessa missão.

— Quem é êsse homem?

— É um dos nossos índios. Os outros bateram-lhe e tiraram-lhe o dinheiro e elle então voltou para trás, veio ter connôco. Pode levar-lhe uma carta e trazer-lhe cordas... tudo o que quiser.

Levar uma carta? E porque não? E talvez elle pudesse trazer, com efeito, alguns socorros. Em qualquer das hipóteses, graças ao indio, não sacrificaríamos inutilmente a nossa vida, porque os nossos amigos de Inglaterra teriam conhecimento de quantos elementos novos tínhamos adquirido para a sciência. Eu tinha já duas car-



Preenchemos esta espera almoçando uma lata de conserva

tas prontas e com uma terceira punha em dia êste relato. Decidi escrevê-la e expedí-la pelo indio. Ordenei por consequência, a Zambo, que voltasse à tarde. Acabrunhado, passei todo o dia a escrever êste relato das minhas aventuras da noite precedente. Redigi também, dirigida ao primeiro negociante branco ou capitão de navio que o meu indio encontrasse no caminho, um bilhete pedindo que nos enviasse cordas, porque a nossa salvação dependia delas: À tarde atirei a Zambo êsses papéis juntamente com a minha bolsa, que continha três soberanos. Zambo deu o dinheiro ao indio e prometeu-lhe o dôbro se elle voltasse, trazendo cordas.

Deve compreender agora, meu caro Mac Ardle, como é que lhe chega às mãos esta comunicação. Se êste seu infornado correspondente não der mais noticias a seu

respeito, deve ser-lhe fácil concluir o que aconteceu.

Ser-me-ia completamente impossível esta noite planear qualquer coisa, devido ao estado de depressão e de fadiga em que me encontro, mas amanhã tenho de procurar todos os meios de encontrar os meus amigos ou achar a sua pista, sem perder o contacto com o acampamento.

CAPÍTULO XIII

«UMA SCENA QUE NUNCA ESQUECEREI»

O sol declinava e eu vi, em baixo, na vasta planície, a silhueta solitária do índio que se afastava.

O nosso destino dependia daquele homem. Vi-o distanciar-se, desaparecer ao longe, na névoa que subia e que o sol poente tingia de cor de rosa.

Era já escuro quando reentrei no nosso acampamento devastado. A última visão que os meus olhos tiveram foi a da fogueira de Zambo, único ponto luminoso que brilhava para mim nas trevas do universo, como a sua fiel presença era um fanal nas trevas da minha alma. Pela primeira vez, depois de golpe que me atingira, experimentei uma certa satisfação ao pensar que o mundo saberia o que nós tínhamos feito e que, na pior das hipóteses, nós poderíamos morrer, mas não as nossas memórias, que para sempre ficariam associadas aos resultados dos nossos esforços.

Era para mim bem custoso ter de dormir no recinto do forte, mas era bem mais enervante ter de dormir em pleno mato. Tinha de me decidir. Por um lado, a prudência aconselhava-me a manter-me vigilante; por outro lado, o esgotamento em que me encontrava não me permitia resistir ao sono.

Trepei a uma grossa perna de gingko, mas este poleiro, por ser redondo, oferecia-me pouca segurança: bastar-me-ia pegar no sono para logo cair e partir a espinha. Voltei para o chão. Por fim, tendo maduramente reflectido, fechei a «porta» do «forte», acendi três fogueiras dispostas como os três vértices dum triângulo e em seguida, tendo cedido com apetite, deitei-me e dormi profundamente.

Esperava-me um despertar imprevisto.

O dia começava a romper quando senti uma mão pousar no meu braço. Levantei-me, com os nervos crispados, procurando uma carabina, mas um grito de alegria saiu dos meus lábios quando, à meia luz parda da madrugada, vi lord Roxton de joelhos a meu lado.

Era ele... sem ser ele. Eu deixara-o calmo, correcto, de ponto em branco e encontrava-o agora pálido, os olhos dilatados, respirando a custo, como depois duma corrida longa e rápida; arranhões sangrando zebravam-lhe o rosto magro; o fato estava em farrapos e não trazia chapéu. Eu olhava-o, com pasmo, mas ele não me deu tempo para interrogá-lo.



Ao lado de Challenger estava o rei dos homens-macacos. Este em ruivo, aquele em negro eram bem, como tinha dito lord John, a viva imagem um do outro...

Pôs-se a apanhar as provisões espalhadas, exclamando:

— Depressa, meu rapaz, depressa! Cada minuto é precioso! Pegue nas carabinas... nessas duas, que as outras já eu cá tenho. E leve quantos cartuchos puder, encha os bolsos. Agora, os víveres. Meia dúzia de latas de conserva, deve chegar. Bem! Não percamos tempo com palavras. Safemo-nos, aliás estamos perdidos!

Ainda meio ensonado, mal percebendo o que tudo aquilo significava, achei-me no meio dos bosques, a fugir como um louco, com uma carabina debaixo de cada braço e em cada uma das mãos uma pilha de diversas provisões. Depois de mil voltas e reviravoltas, através do mais espesso da floresta, lord John chegou a uma sarça,

para dentro da qual se atirou, sem se importar com os espinhos, arrastando-me consigo...

— Julgo — disse ele — que aqui não virão eles ter connosco. Devem dirigir-se ao acampamento, deve ser essa a sua primeira idea.

— De quem se trata? — perguntei, depois de ter tomado alento. — O que é feito dos professores? E quem é que nos persegue?

— Os homens-macacos! — disse ele. — Meu Deus! Que brutinhos! Não levante a voz, porque eles teem o ouvido apurado e o olhar penetrante. O que eles não teem, segundo o que depreendi, é

faro e, por isso, devido que nos descubram. Mas o senhor, onde é que estava? Teve sorte em escapar a tudo isto.

Contei-lhe, ou melhor dizendo, ciciiei-lhe ao ouvido, rapidamente, as minhas aventuras.

— Mau! — disse ele, quando soube a história do dinosaurio e da fossa. — Este planalto não é precisamente um lugar ideal para fazer uma cura de repouso, mas eu não fazia idea alguma do que ele nos reservava até ao momento em que esses diabos se apoderaram de nós. Os papúas antropófagos, em cujas mãos um dia caí, são, ao pé destes, uns modelos de cortezia.

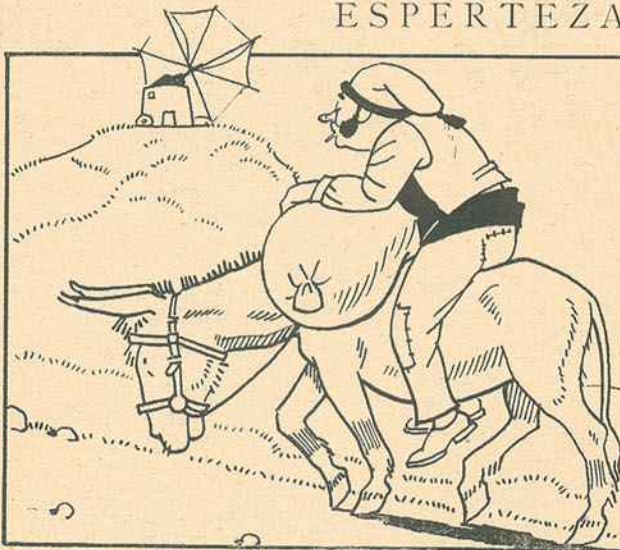
— Enfim, o que se passou? perguntei.

— Foi de manhã, muito cedo. Os nossos sábios e amigos estavam a levantar-se e ainda nem sequer tinham tido tempo de discutir. Eis senão quando começa a chover maicacos. Caíam em grande quantidade, como frutos caíndo duma árvore. Suponho que se deviam ter reunido, durante a noite, tantos quantos o gingko podia comportar, por cima das nossas cabeças. Atirei a um e atingi-o no ventre, mas antes mesmo de sabermos o que se passava fomos todos arremessados ao chão, de costas. Eu chamo-lhes macacos, mas eles traziam cacêtes e pedras, falazavam uns com os outros e ligaram-nos com cipós, o que mostra que são animais muito superiores a todos os que tenho conhecido nas minhas viagens.

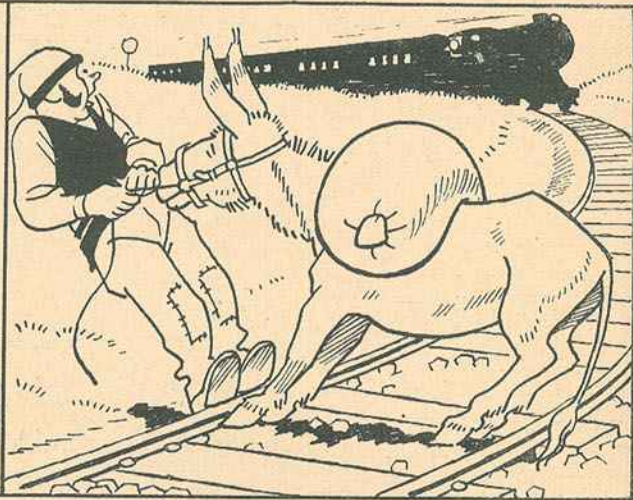
(Continua)

PÁGINA INFANTIL

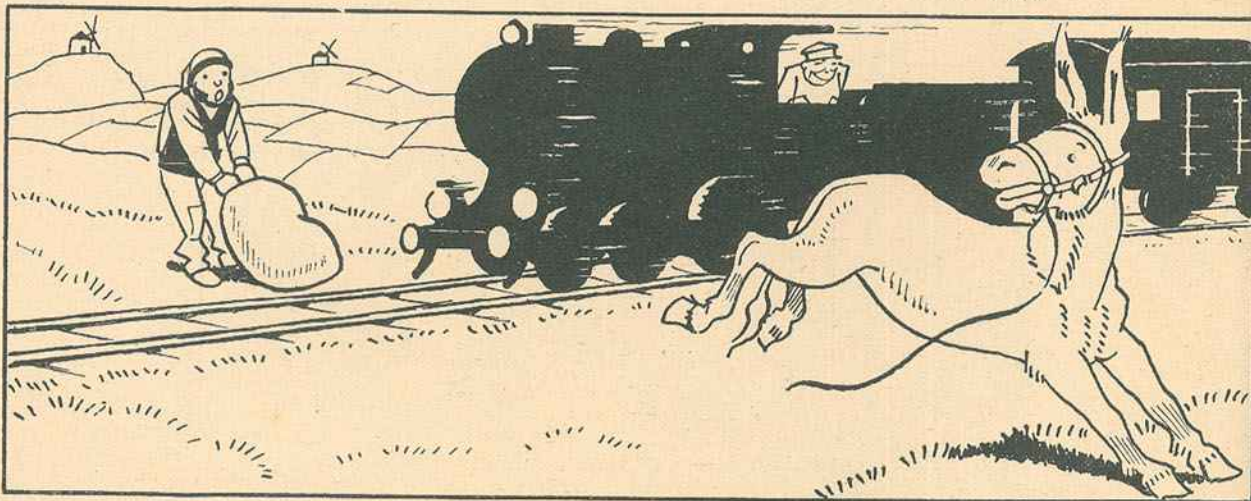
ESPERTEZA DE BURRO



Zé da Mó, rapaz moleiro,
Porque vivia a moer
Moia o pobre sendeiro
Com cargas de estarrecer.

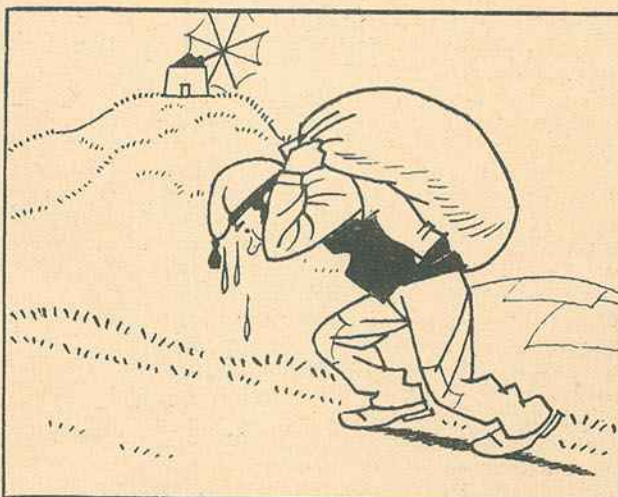


— São dois fretes: dono e saca!
— dis o burro — Isto é demais! —
E na linha férrea estaca...
Zé da Mó desata aos ais!...

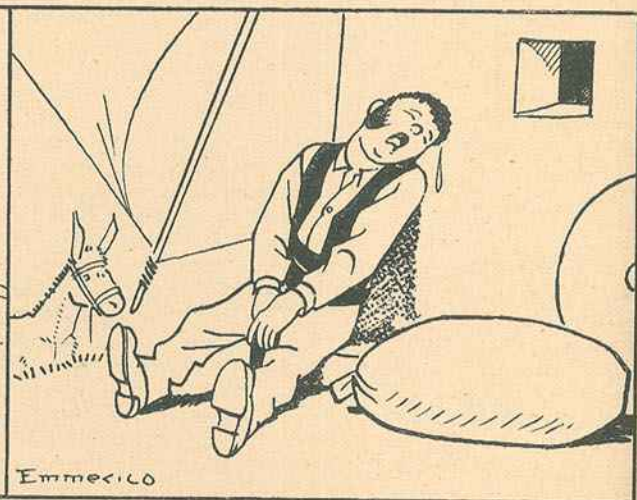


Avança veloz o «expresso»...
Zé da Mó o burro larga:
— O gerico está possesso!
Salve-se ao menos a carga!...

Lesto, livre e radiante
O burro segue o seu rumo...
Passa o «expresso», trepidante,
Vomitando fogo e fumo.



Curvado ao pêso do trigo,
O moleiro, p'lo caminho,
Vai dizendo p'ra consigo:
— Que longe fica o moíño!



Emmeçilo

— Como a nossa força é fraca!
O burro mete-me dó!
Puxar por mim e p'la saca
É demais p'ra um burro só!



Passatempo

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

1	2	3	4	5		6	
7	8	9			10	11	
12		13			14		
	15			16	17		
18				19		20	
21		22	23		24	25	
	26	27			28		
29	30	31	32	33		34	
35	36	37				38	
	39					40	
41				42			

portuguesa. — 6 Estar alegre. — 7 Cidade de França. — 8 Cidade brasileira. — 10 Aviador notável. — 11 Tempêro. — 17 Duas vogais. — 20 Preposição inglesa. — 21 Cidade de Itália. — 23 Enxérga. — 25 Longe. — 27 Nota de música. — 30 Nome feminino. — 32 Letra grega. — 33 Duas vogais. — 34 Gramínea. — 36 Anagrama de sóa. — 38 Isolados.

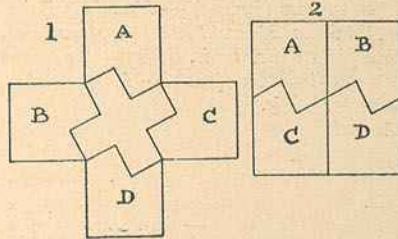
RAZÃO PARA ARREPENDIMENTO

Ela: — A Judite confessa que está arrependida de ter casado consigo.

Ele: — Ainda bem que se vai arrependendo. Por culpa dela ficou alguma outra rapariga que melhor o merecesse, privada dum excelente marido.

A CRUZ GREGA

(Solução)



Se cortarmos a cruz grega mais pequena da forma que se vê no diagrama 1, os quatro pedaços A, B, C e D ajustar-se-hão uns aos outros e formarão um quadrado perfeito, como se vê no diagrama 2.

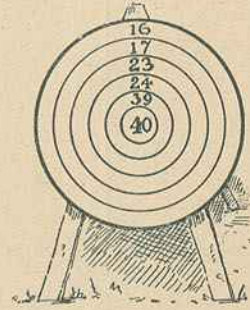
Horizontalmente:

- 2 No Brasil e em África. — 7 Dois. — 9 Três letras de malva. — 10 Repetição. — 12 Em francês, nome de um animal. — 13 Numa cadeia. — 14 Época. — 15 Acreditei. — 16 Chefe. — 18 Voz dum animal. — 19 Parentesco. — 21 Três letras de patife. — 22 Cór. — 24 Letra grega. — 26 Artigo árabe. — 28 Artigo gramatical. — 29 Nota de música. — 31 Habilidades. — 34 Crença. — 35 — No altar. — 37 Cantão suíço. — 38 Nome bíblico. — 39 Princesa mitológica. — 40 Pronome francês. — 41 No sul da Rússia. — 42 Alegria.

Verticalmente:

- 1 Deus da mitologia. — 3 Cidade de Portugal. — 4 Adjectivo. — 5 Poetisa

A TIRANDO AO ARCO



Os números colocados neste alvo indicam os pontos para as sucessivas pontarias. Ganhou o primeiro prémio um atirador que marcou exactamente 100 pontos.

Podderão descobrir qual foi o menor número de setas que, para êsse efeito, deve ter atirado?

O professor (depois de explicar como se obtém 1 a 1 e os usos a que se destina): — Vamos lá a ver, rapazinho, de que é feita a tua camisola?

O pequeno: — De outra camisola velha de meu pai.

PALAVRAS CRUZADAS

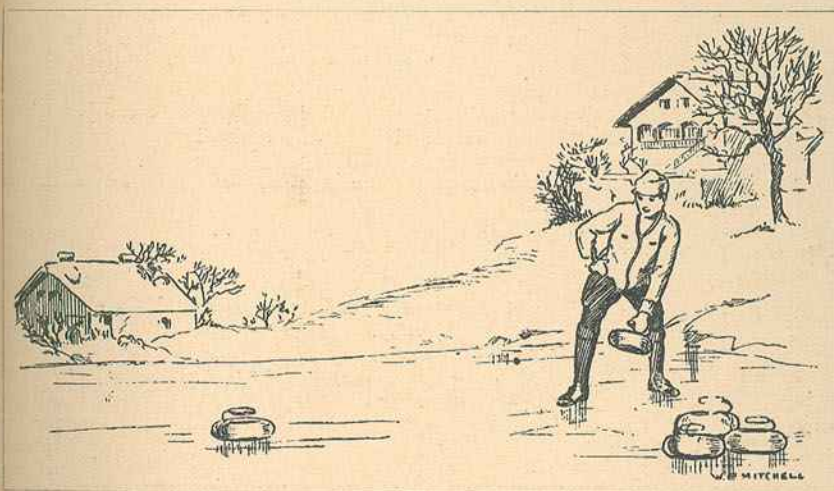
(Solução do n.º 37)

A	R	R	T	I	S	T	A	C	A	N	U	D	O		
U	M	A	A	D	S	E	T	E	A	A	S	A			
S	A	U	U	D	E	P	I	O	M	O	V	E	D	O	R
A	S	S	O	A	R	A	L	E	F	L	O	M			
V	I	A	A	S	F	E	O	V	A	L	A	S	C	A	
E	D	S	A	C	A	A	R	I	A	A	C				
L	E	O	O	H	E	G	A	A	C	R	E	O	A		
R	A	L	A	A	G	A	D	A	I	L	H	O			
R	O	C	A	F	R	A	C	O	G	R	A	O			
M	O	C	C	A	A	R	A	T	O	P	I	A	J		
A	A	A	O	N	D	E	A	L	C	A	R	L	E	I	
R	O	R	T	A	A	L	T	O	E	M					
I	S	C	C	A	O	E	T	A	A	O	E	G	U	A	
M	A	A	N	O	A	M	O	R	C	R	E	G			
B	I	N	N	A	R	I	O	A	M	O	L	A	N	C	E
A	R	G	O	A	V	A	R	A	A	D	O	M			
A	S	S	T	R	E	A	R	A	I	N	H	A	S		

D. Jesuína Novarica (chegando já tarde ao concerto, para a filha): — O que é isto que estão tocando, Palmirinha?

A filha: — Diz no programa que é a Nona Sinfonia, de Beethoven.

D. Jesuína: — Ai está! Não te dizia eu? Demorámo-nos, já não ouvimos as outras oito.



Onde estão os outros quatro jogadores?

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

PAUL VALÉRY



Figura eminente das letras france-
sas, que acaba de obter ingresso na
Academia, indo ocupar o faueteil
vago por morte de Anatole France.
Poeta da intelligência, o carácter es-
pecial dos seus poemas, duma cons-
trução quasi geométrica e em que o
raciocínio domina a sensibilidade,
isto, porém, sem lhes alienar o aro-
ma sensual e o poder de aprofundar
os espiritos, levou um crítico a ape-
lidá-lo de «Anacréon cerebral» e ou-
tro de «Boileau psychologue».

Publicou já, entre outros, os se-
guintes trabalhos: Album de vers
anciens; Une soirée avec Monsieur
Teste; Introduction à la méthode de
Léonard de Vinci; La Jeune Par-
que; Eupalinos; L'Âme et la Dan-
se; e Charmes, ainda recentemente.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- ACOSTAY LARA (MANUEL) — *Les Amants de Grenade*. Traduzido do espanhol por Francis de Miomandre. 12 fr.
 APOLLINAIRE (GUILLAUME) — *Le Poète Assassiné*. 12 fr.
 ARLAND (MARCEL) — *Les Ames en peine*. 13 fr. 50.
 BIBESCO (PRINCESSE) — *Catherine-Paris*. 12 fr.
 BEUCLER (ANDRÉ) — *L'Amour Automatique*. 12 fr.
 BÉRAUD (HENRI) — *Le Flâneur Salarié*. 12 fr.
 CHAMPOL — *Le Fromantier*. 6 fr.
 CHERAU (GASTON) — *L'Égarée sur la Route*. 12 fr.
 DERENNES (CHARLES) — *Mouti, fils de Mouli*. 10 fr.
 DROZ (GUSTAVE) — *L'Enfant*. 12 fr.
 FONTELROYE (JACQUES) — *Ayez pitié de ceux qui s'aimaient*. 9 fr.
 GALOPIN (ARNOULD) — *Mathurin Le Clech*. 12 fr.
 GARNIER (HUGUETTE) — *La Maison des Amants*. 10 fr.
 GUILLEMARD (JULIEN) — *Monsieur Paisi-
blard ou La Merveilleuse Aventure d'un
docte philosophe*. 12 fr.
 GUYON-CESBRON (JEAN) — *La plus belle
conquête*. 12 fr.
 HOUVILLE (GÉRARD D') — *Je crois que je
vous aime*. 12 fr.
 JADE (MARIE) — *Mon amour, où est-tu?*
10 fr.
 JALOUX (EDMOND) — *Au-dessus de la
ville*. 3 fr. 50.
 KEYSER (EDOUARD DE) — *La Femme
Possédée*. 10 fr.
 LARY-HOLLEBECQUE (MADAME) — *Le Fé-
minisme de Schéhérazade. La Révélation
des mille et une nuits*. 10 fr.
 LANDRE (JEANNE) — *L'Amour est men-
teur*. 10 fr.
 LUCIEN-GRAUX (DR.) — *L'Automne
d'Adonis*. 12 fr.

- LEMERY (HÉLÈNE) — *Bérangère ou La
Symphonie Amoureuse*. 12 fr.
 MIOMANDRE (FRANCIS DE) — *Olympe e
ses amis*. 12 fr.
 PALUEL-MARMONT — *Fille du Sud*. 10 fr.
 PERROY (M.) — *Revanche de nouveaux
pauvres*. 8 fr. 50.
 PIERREFFU (JEAN DE) — *Paterne ou l'en-
nemi des sports*. 12 fr.
 RAMEAU (JEAN) — *Mademoiselle Azur*.
4 fr. 50.
 RENARD (MAURICE) — *?Lui?* 12 fr.
 ROBIN (GIL) — *La Prison de Soie*. 12 fr.
 ROGER (NOËLLE) — *Le livre qui fait
mourir*. 9 fr.
 ROSE (FÉLIX) — *L'amour vainqueur*.
10 fr.
 ROSNY AINÉ (J.-H.) — *Le Vertige
d'Anaïs*. 10 fr.
 SERAO (MATHILDE) — *Châtiment*. Tradu-
zido do italiano por Nelly Carrère. 12 fr.
 SALOMON (ROBERT) — *Babel sans fem-
mes*. 12 fr.
 STEPHENS (JAMES) — *Mary Semblant*.
Traduzido do inglês por Abel Chevalley.
12 fr.

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

Madame Aurora Sand, neta de George Sand, moveu um pro-
cesso a M. Jacques Boulenger, por este jornalista ter publi-
cado um artigo em que aludia aos amores da célebre escri-
tora romântica. A indemnização exigida é de 100.000 francos.
Deve ser interessante este julgamento, que, naturalmente,
obrigará o advogado de defesa a historiar as muitas aventuras
passionais da autora do «François le Champi», passando
em cortejo os nomes de Musset, Sandeau, Pagello, etc.
— O último livro de valor produzido por penas belgas é o
de Maurice Materlinck, «La Vie des Termites». A França,
que considera o autor do «Trésor des Humbles» como um
escol dos seus próprios escritores, recebeu esta obra com en-
tusiasmo.
— Em Itália publicou-se há pouco um livro que alcançou
largos êxitos: «Quasi una fantasia». Ettore Cantoni, o
autor, versa nas suas páginas, com traços subtils, um assunto
novo na literatura italiana: a psicologia duma criança que
transpõe os umbrais da adolescência. Deus, a política e a
vida, três dos maiores problemas da existência, são-lhe colo-
cados perante o espirito inquieto, para que ele os resolva.
Raras vezes a alma infantil consegue que alguém a penetre
assim com tanta delicadeza e segurança, assegura a crítica.
— O Grande-Prémio Literário das Indústrias de Luxo,
criado este ano, foi concedido a Gabriel Reuillard. Nascido
em Rouen em 1895, o premiado, além duma brilhante car-
reira jornalística, tem publicado, nos últimos tempos, três
romances: «La Fille», «Réprochés» e «Homme Nu».
— Em tempos saíu «Le Roman des Quatre». Depois, de
penas puseram-se a escrever uma obra que tomou o nome de
«Le Roman des Dix». Agora na América (terra por exce-
lência do «récord»), anuncia-se um livro do género, em que
colaborarão nada menos de vinte escritores! Por este andar,
comenta um ironista, não tardará a aparecer um romance,
cujo número de autores muito exceda o de todos os seus
possíveis leitores.

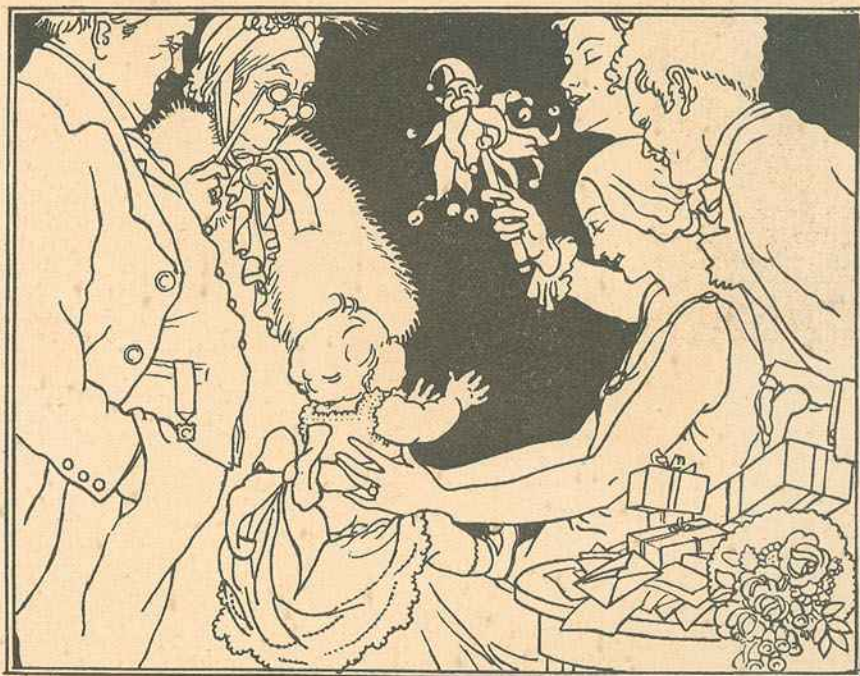
As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao cambio do dia

ASSINATURAS DA "ILUSTRAÇÃO"

	Trimestre		Semestre		Annual
	Escudos	22\$00	Escudos	44\$00	Escudos 88\$00
CONTINENTE E ILHAS
Exemplares registados	..	25\$00	..	50\$00	.. 100\$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL
Exemplares registados	..	25\$50	..	55\$00	.. 110\$00
INDIA, MACAU E TIMOR
Exemplares registados	..	27\$00	..	54\$00	.. 108\$00
ESPAÑHA
Exemplares registados	..	30\$00	..	60\$00	.. 120\$00
ESTRANGEIRO
Exemplares registados	..	24\$00	..	48\$00	.. 90\$00
Exemplares registados	..	27\$00	..	54\$00	.. 108\$00
Exemplares registados	..	32\$00	..	64\$00	.. 128\$00
Exemplares registados	..	37\$00	..	74\$00	.. 148\$00

O LIVRO DE BEBÊ

Livro Util e Indispensavel
às Noivas, às Mães, às Avós



VERSOS DE DELFIM GUIMARÃES
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Grande Edição Ilustrada

Temas: O Nascimento, O peso da criança, O primeiro passeio, O registo, O batizado, O primeiro sorriso, O vestido de meio curto, O primeiro dente, A vacina, A primeira papinha, As primeiras passadas, Os primeiros sapatinhos, A primeira palavra, Os amiguinhos, A cor dos cabelos, Os presentes do primeiro aniversário, A oração, O retrato, A altura, As primeiras lições.

Pedidos aos Depositarios

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DO



CAPA PRÓPRIA
EM PERCALINA
COM
FERROS A OIRO
E ILUSTRADA

Esc.: 7\$00

CAPA
E ENCADERNAÇÃO

(CADA VOLUME)

Esc.: 10\$00



I ANO

1.º Semestre

CADA VOLUME
ENCADERNADO

Esc.: 40\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73. RUA GARRETT. 75 — LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes do «MAGAZINE BERTRAND» que queiram encadernar o 1.º semestre, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25, os n.º 1 a 6. Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.